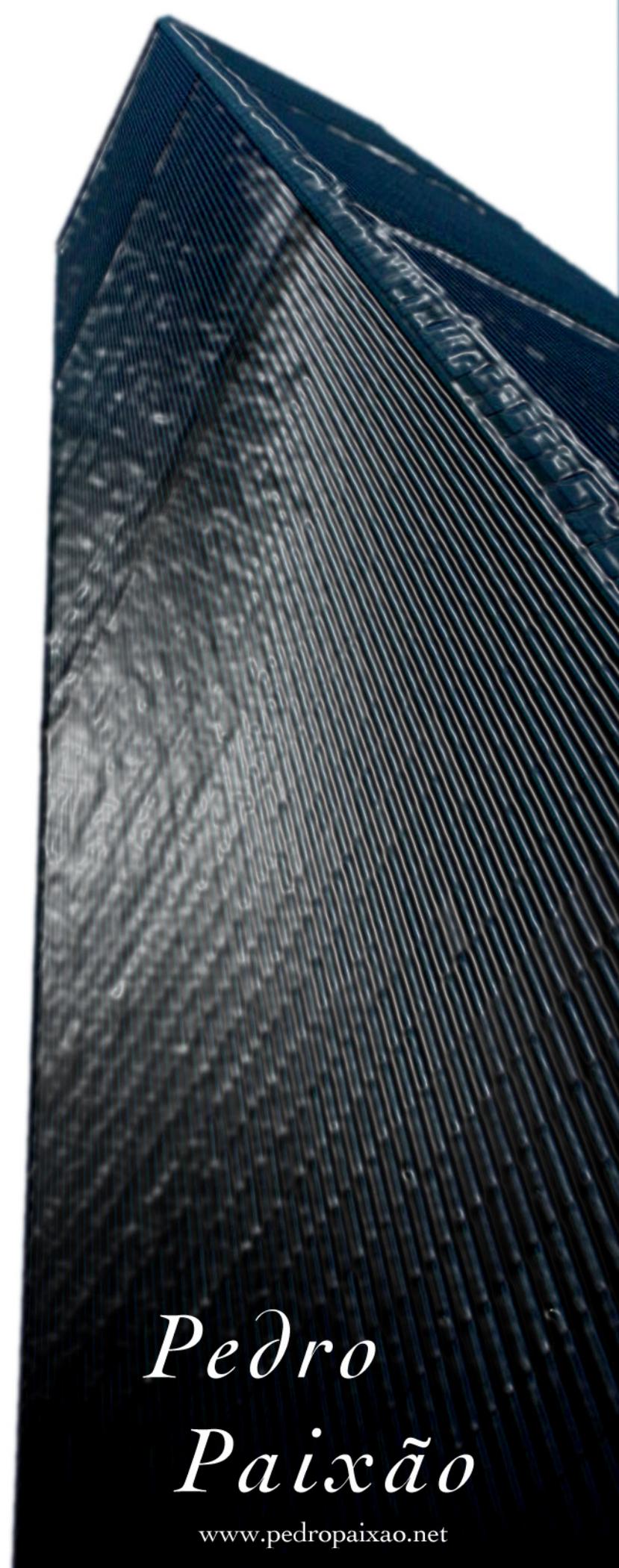
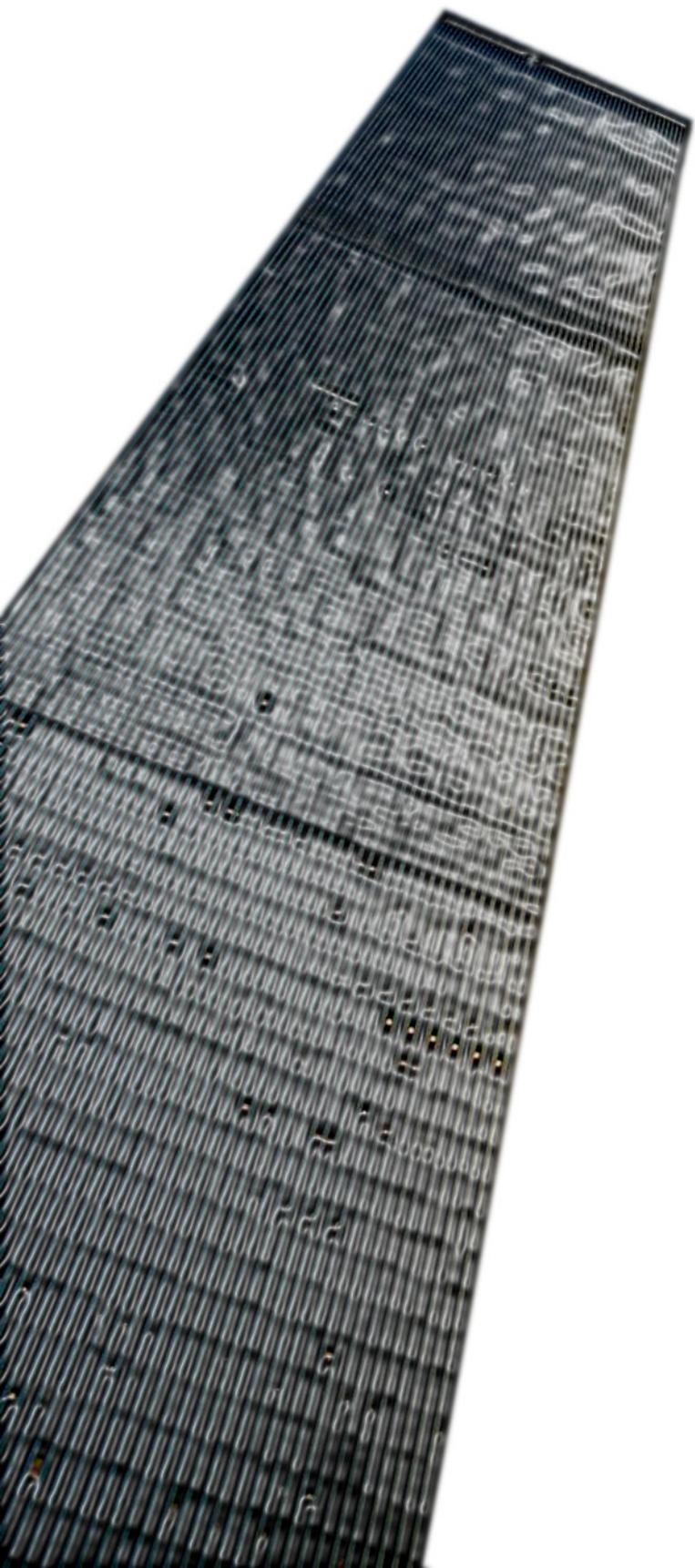


a cidade
depois



*Pedro
Paixão*

www.pedropaixao.net

A cidade depois

13 textos escritos em Nova Iorque depois de 11 de Setembro
e um poema de Walt Whitman

Pedro Paixão

Para \To

Kimberly Davie Garruto
Gregory Jedd
Bridget Janeiro
Jorge Colombo
Joana Vicente
Jason Kliot
Sean Luganno
Alexandra e Lourenço de Sousa
Jack Luceno
Michele Gallinaro
Paula Duque Magalhães
Concymar
José Fialho
David S.P.
Pedro Laia

Por vezes, somos como duas pessoas
que travam conversas no vácuo;
e então a loucura está próxima,
como creio que se aproximaria do homem que conseguisse ver as
coisas simultaneamente através dos véus de dois costumes, de duas
culturas, de dois ambientes.

T.E.Lawrence, (Lawrence of Arabia), Os Sete Pilares da Sabedoria

Fé religiosa e superstição são totalmente diversas.
A superstição cresce do medo e é uma espécie de falsa ciência.
A fé é uma confiança.

L. Wittgenstein, Notas Diversas

(...)
O amigo da tua mãe diz,
Calem-se crianças! Não percebem que a história está a ser feita?
Tu percebes e voltas a perceber. Feita e feita de novo.
Isto és tu visto por eles, e eles vistos por ti,
e tu visto por ti, em cinco dimensões,
em sete, de novo em três, depois em duas,
depois reduzido a um ponto sem dimensão
num universo onde a única constante é a velocidade da luz.
Isto és tu à velocidade da luz.

Vijay Seshadri

Por que fui eu a Nova Iorque?

Na segunda semana de Setembro, eu estava com a Leonor em Porto Santo, uma solitária e bela ilha no Atlântico. Desde o dia em que chegáramos, fixara para mim uma rotina de modo a combater o tédio que sempre trago comigo. Caminhava todas as manhãs para poente até à extremidade do areal e regressava. Da parte da tarde, caminhava para nascente até à extremidade do areal e regressava. A praia de Porto Santo tem nove quilómetros de extensão, percorrendo eu portanto dezoito quilómetros diariamente, cerca de seis horas a andar. Sempre detestei ficar estendido ao sol sobre uma toalha. Também quando caminhamos sempre vamos mais protegidos dos assaltos da tristeza, porque estamos ocupados em não magoar um pé sobre uma pedra. Na maior parte das restantes horas, enquanto a Leonor lia Púchkin em inglês, eu lia, numa bela versão portuguesa, O Idiota de Dostoiévsky. Lembro-me de termos rido os dois, a Leonor e eu, quando pusemos a hipótese de sermos o único casal no planeta inteiro a estar a ler, naquele momento e simultaneamente, aqueles dois génios russos.

No dia 11 de Setembro de 2001, voltava eu da minha segunda caminhada e preparava-me para continuar a ler, sentado à sombra, o maravilhoso livro, quando fui disso impedido por me chegarem palavras soltas de um grupo de veraneantes que se encontrava a uma certa distância. As palavras falavam em milhares de mortos. Pedi à Leonor que ligasse pelo telemóvel dela a um amigo, já que há

muito tempo que não tenho telemóvel meu. O amigo disse-me não estar bem informado mas que, tanto quanto sabia, o Pentágono tinha sido destruído por aviões civis desviados. Quando, muito pouco tempo depois, chegámos ao quarto de hotel, e como sempre acontece quando sofremos um choque, eu continuava sem entender muito bem o que o meu amigo me tinha dito, apesar de me terem ficado coladas as suas últimas palavras: depois disto, o mundo é diferente. Mal ligámos a televisão, comecei a ver as imagens de Nova Iorque.

Naquela pequena e acolhedora ilha onde vivem seis mil pessoas e chove quase nada, entrei em agonia. A distância, a impotência, a confusão, a tristeza, o medo tomavam conta de mim. Eu, que já antes estava deprimido, agora não sabia o que fazer: deixei de falar, de andar, de ler. Tínhamos bilhetes de passagem para o continente para dali a três dias. A Leonor e um casal amigo, acabado de chegar e que não via há muito, ajudou-me a suportar aquilo. A única coisa que sabia, sem que no entanto pudesse dizer por que o sabia e que me repetia sem cessar, era que aquilo era a pior coisa que acontecera na minha vida, uma vida privilegiada em que tivera a sorte de nunca ter conhecido a guerra, o exílio, a destruição, a miséria. O que confusamente sabia era que aquilo era muito mais do que aquilo: a destruição de edifícios, a morte de seis mil pessoas. Se bem que isso fosse já de uma extrema violência e as televisões continuassem a repetir mecanicamente as mesmas imagens, sem propósito nem piedade. O que eu sabia era que alguma coisa tinha mudado, no mundo e em mim.

Várias coisas me permitiam explicar a mim mesmo uma sensibilidade maior, talvez mesmo exagerada, ao que tinha acontecido, ao lugar e ao país em que tinha acontecido. O

meu último livro publicado foi escrito em Nova Iorque e intitula-se “Saudades de Nova Iorque”. A minha mãe, filha de emigrantes portugueses, nasceu e cresceu nos Estados Unidos da América e continua, portanto, segundo a lei do país, americana. A minha irmã mais nova viveu e trabalhou em Nova Iorque três anos, onde teve um grave acidente, e de onde tinha regressado definitivamente um mês antes. Foi em Nova Iorque que aprendi a amar o jazz. Tenho bons amigos em Nova Iorque, americanos e portugueses. A escala do desastre permanecia porém muito maior do que conseguia imaginar e muito menor do que acreditava poderem ser as suas consequências. A agonia ficava.

Tenho medo de viajar, uma fobia que herdei da minha mãe e se agrava com a idade. Não de andar de avião ou de qualquer outro meio de transporte, mas de encontrar o que não conheço, ou, pior, o que deixou de ser o que era e se modificou. Depois de conseguir superar esse medo volto aos mesmos sítios insistentemente: a mesma cidade, o mesmo hotel, o mesmo quarto no hotel, de preferência também as mesmas pessoas, o mesmo ar, o mesmo cheiro, se fosse possível as mesmas palavras. Tenho medo de tudo o que não conheço e por isso sinto-me na obrigação de conhecer o mais possível, um paradoxo doloroso. Antes de partir numa viagem para um lugar onde nunca estive passo dias e noites à beira do pânico. Depois do dia 11 de Setembro o que menos me apetecia era viajar, ir para algum lado conhecido ou desconhecido. O que me apetecia mesmo era adormecer na minha cama e voltar a acordar muito, muito depois. Mas alguma coisa tinha mudado, no mundo e em mim, que não me deixava adormecer.

Telefonei ao meu médico para lhe pedir que me aumentasse a dose de antidepressivo. Disse-me que não. Perguntei-lhe se os pacientes tinham, em geral, piorado. Disse-me que não.

Mas eu estava a começar a ficar doente e doente não me ia ajudar a mim, nem a quem quer que fosse que de mim precisasse. Foi então que me chegou repentinamente, não sei de onde, não sei como, a estranha decisão de apanhar o primeiro avião com um lugar vago para a América. Telefonei para uma agência de viagens e reservei uma passagem para dali a dois dias. Repito: não me apetecia ir a Nova Iorque, tinha medo de ir a Nova Iorque, ainda esperava que alguém ou alguma coisa me impedisse de partir, eu só tinha feito uma reserva facilmente cancelável. Precisar fica muito longe de apetecer. Para minha surpresa, as pessoas mais próximas a quem pedi conselho não se opunham à minha frágil vontade, compreendiam-na. A Leonor começou por gritar comigo para logo depois me dizer que aceitava a minha necessidade. Não sei como isto aconteceu se a todos, por vergonha, escondi o motivo mais forte e irracional que me levava a partir e apenas escrevi numa folha de um caderno. Se não for, não saberei mais escrever.

Depois de me convencer de que ia mesmo ter de partir, telefonei ao João Carlos Silva, editor da revista do jornal Público, para a qual colaborava há algum tempo com uma história quinzenal. Disse-lhe que lhe mandaria o que fosse escrevendo, se alguma coisa conseguisse escrever, e que com isso fizesse o que bem entendesse. O João Carlos encorajou-me a escrever. Do dia 24 de Setembro ao dia 6 de Outubro foram sendo publicados diariamente os textos que escrevia, embora nunca visse o jornal, mas fosse disso informado por portugueses que o liam on-line em Nova Iorque. São esses treze textos, inalterados, que aqui estão reunidos.

Não pretendo voltar a repetir o que fiz. É árduo ter de escrever todos os dias, sofrer a pressão de um dead-line. É difícil não se deixar arrastar pela cegueira maniqueísta: os bons contra os maus, e só nós sermos os bons. Qualquer pessoa sabe que não é possível isolar o pensamento dos sentimentos, sobretudo quando a tensão cresce, e como escreveu alguém que sabia mais, “Há sempre um pouco de razão na loucura, e um pouco de loucura na razão”. Não consigo deixar de me tornar permeável aos que me estão mais perto, sofrer com eles, preocupar-me com eles. Não gosto de ter opiniões, quanto mais de as escrever, porque fixar uma determinação é enfraquecê-la. Detesto convencer alguém de alguma coisa, porque já estive convencido de coisas opostas. Mas abomino o relativismo do vale tudo, o egoísmo do não ter nada que ver com isso, a injustiça mesmo quando provém da simples ignorância. Gosto de saber, mais uma vez, que alguns dos meus bons amigos não gostaram nada do que escrevi, porque sabem manter a inteligente e saudável distância entre o que se é e o que se escreve.

Quando regresssei a Lisboa, a Leonor tinha gentilmente amontoado os jornais onde tinham saído os textos. Não os quis ver, não os quero ver. Mas queria, por razões que ultrapassam o que lá vem escrito, mas têm que ver com a memória de uma experiência humana que desejo conservar e de pessoas que me ensinaram coisas importantes que desconhecia, guardar esses textos num pequeno livro, como se se conseguisse encerrar um pouco de tempo dentro de uma mão. O meu editor aceitou o meu pedido.

Talvez, pela primeira vez, deseje que o escrevi seja literatura.

Coragem contra medo.

Depois de aterrar em J.F.K., Nova Iorque, o avião avançou lentamente pela pista ao encontro da manga acolhedora, tocando uma peça de jazz de António Pinho Vargas. Ao meu lado direito viajou um casal cujo marido começou o voo por ler, movendo levemente os lábios, folhas de um missal. Almoçou, adormeceu longamente e voltou a acordar para ler, inclinado para a frente, mais algumas folhas do missal. Ao meu lado esquerdo, o meu companheiro junto à janela é nivelador de cimento em Hartford há quase quarenta anos. Quando lhe perguntei onde gostaria de morrer, se cá se lá, disse-me que ainda não sabia, que a vida era cheia de interrogações. O avião vinha cheio de portugueses que voltavam para o trabalho. Repetidas vezes tive de perguntar, suspendendo o assunto, se “cá” queria dizer América ou Portugal. Os rostos dos homens diziam a alegria de regressar à América. Os das mulheres menos.

Antes da partida era-me difícil justificar a minha necessidade de vir a esta cidade, uma urgência que surgiu de súbito. As imagens da destruição repetiam-se-me obsessivamente na cabeça, como depois de um desastre de automóvel. Acordava-me o medo. Não sabia o que dizer, nem o que pensar, ficava calado durante horas. Deixei de lado o romance de Dostoievski que antes lia com entusiasmo. Apoderou-se de mim o receio de não conseguir mais escrever. Os problemas expostos por aqueles actos de destruição mostravam-se de uma complexidade que a minha mente, qualquer mente temia eu, reconheceria incapaz de resolver. As vozes com quem falava pelo telefone para a América estavam diferentes, sem que pudesse dar um nome a essa diferença. Os emails mais silenciosos.

Nunca foi tão fácil e rápido atravessar a fronteira. O polícia perguntou-me para o que vinha. Respondi que vinha ver um amigo, e ele mandou-me seguir. Reparei que tinha a insígnia coberta de pano preto. Dentro de um táxi conduzido por um homem calado apesar das minhas investidas, senti-me seguro, calmo, apaziguado como já não me sentia desde o dia 11. A cidade estava ali, debaixo dos meus pés, por cima da minha cabeça. A cidade existia, continuava a existir. Suspeitei que era a falta dessa certeza que me trouxera a agonia de que sofrera em Lisboa, e que as imagens repetidas sem piedade não confirmavam a realidade, antes a faziam perigar, erodindo-a. Uma coisa é não duvidar que existe um lugar, ter visto fotografias e filmes, apesar de nunca lá ter estado. Outra muito diferente é estar lá - uma diferença tão simples como decisiva. Agora, a humidade, os cheiros, as palavras entrecortadas na rádio, a constante mudança de perspectiva dos olhos, os movimentos atrás dos movimentos atrás dos movimentos, as incontáveis pequenas coisas insignificantes enchiam a realidade como ela nunca pode ser reproduzida, com a vida. A vida é muito mais do que a vida, e nós mais do que nós. Nova Iorque existia, insistia em existir, e o meu coração sentia-se confortado com essa certeza.

Quando toquei, K. estava a dobrar os lençóis acabados de secar na lavandaria da cave. Eu encontrava-me de novo no apartamento onde vivi, na rua 14 entre a oitava e a nona avenidas, à distância de uma milha e meia das sepulturas vivas. A sua voz era a de sempre, os seus gestos calmos e precisos, nada do que eu temera encontrar. Sei que já passaram nove dias. K. apresenta-me o seu novo companheiro – um pequeno cão branco de Malta de nome Cooper - e pergunta-me se sei alguma coisa de cálculo vectorial, porque tem um exame de física para a semana e

todos os dias trabalha 5 horas como telefonista para pagar a renda. A vida sempre foi difícil em Nova Iorque. Depois de me oferecer uma Coca-Cola porque tenho sede, pergunta-me se não quero ir ver o discurso do presidente a casa de uns amigos, já que não tem televisão. Digo-lhe que sim, mas que só faltam dez minutos para começar. Responde que ainda tenho tempo de tomar um duche. É o que faço. Tinha-me esquecido como o tempo é diferente em Nova Iorque, como um segundo bate forte durante mais tempo.

A casa dos amigos é um apartamento anterior à guerra aberto, por largas janelas, sobre a Broadway. São oito, conosco dez, pessoas a olhar em silêncio para um écran gigante. Dois de fato e gravata, um preto com um lenço estampado com a bandeira americana a cobrir-lhe a cabeça, o resto de t-shirts e calças de ganga. Um deles fuma continuamente. O discurso do presidente, regularmente interrompido de pé por todos os membros do congresso, é impressionante: inteligente, forte, abrangente, retoricamente perfeito. Quem o escreveu sabia o que estava a escrever. Quem o leu sabia o que estava a ler. Quem o ouviu sabia o que estava a ouvir. Pela primeira vez senti simpatia por Bush, um homem normal, pouco preparado, por vezes patético, um americano. Mal o discurso terminou a nossa improvisada assistência foi-se levantando, despedindo e agradecendo em voz baixa. Ninguém sorriu, os semblantes preocupados. Assim fizemos, Cooper, K. e eu. Ao descer as escadas, K. disse-me que antes não era assim.

Adormeço com dois Xanax, mais por receio que desta vez sejam eles a sentir a minha falta. Acordo a meio da noite, efeito normal do jet-lag e escrevo. Os Estados Unidos da América são essencialmente diferentes das outras nações, dos outros países. São um gigantesco aglomerado de emigrantes de muitas nações, países, raças e credos que na

sua grande maioria para aqui vieram na esperança de uma vida melhor, fugindo a perseguições e à pobreza. Ao longo do tempo, revoluções, sofrimentos e guerras foram-se transformando e continuam a transformar-se, apesar dos problemas, dificuldades e retrocessos, numa nação única. A nação onde foi instaurada a mais antiga democracia dos tempos modernos. Os Estados Unidos da América são a continuação da Europa que salvaram do nazismo e do fascismo que a liquidavam. São o ramo mais poderoso do Ocidente que tem por raízes o cristianismo (e o judaísmo donde este nasceu), a Grécia e Roma. Os Estados Unidos da América são um baluarte da nossa civilização que tem conseguido, melhor ou pior, manter viva e produtiva a mais árdua das contradições: a fé e a liberdade. A civilização na qual me reconheço, com um misto indissolúvel de admiração e orgulho, mas também de culpa e pesar pela violência inerente à História. A civilização que consegue reconhecer a sua fragilidade num mundo que o enigma habita para sempre, aliada a uma inabalável confiança nas possibilidades do humano, porque acredita que o humano tem em si uma parte divina. É a manutenção da aliança entre a fé e a liberdade que se deve chamar coragem.

Nada está decidido. Muitas civilizações nasceram, cresceram e morreram. Não é impossível que a nossa colapse, como tudo o que ousou levantar-se. Mas, como se repete na magnífica obra do mestre japonês Kurosawa, “Ainda Não, Ainda Não”.

Entre a besta e o anjo

“Nova Iorque é uma cidade inacabada.
É uma cidade num processo de devir.
Hoje pertence ao mundo.
Sem que ninguém o esperasse,
transformou-se na mais exemplar das cidades universais.”
Le Corbusier, arquitecto, 1947

1.

Brandon, no dia a seguir, saiu de carro em direcção a um parque natural no estado de Nova Iorque. Precisava de abraçar as árvores, disse a alguém. Ao regressar a Manhattan, o trânsito era intenso, a sul da rua 14 estava cortado. Subitamente foi tomado por um ataque de pânico. Largou o carro onde se encontrava, no meio da auto-estrada, e vagueou quatro horas seguidas até ser travado por um carro da polícia que o levou a um hospital psiquiátrico. Injectaram-no com calmantes e soporíferos. Sem que ninguém soubesse onde estava, permaneceu internado duas noites. Agora, está em casa dos pais, em Rhode Island. Tem 25 anos, é músico, desenha com esferográficas de cor seres espantados com o facto de existirem e tem alma de anjo. Não sei se o chegarei a ver. Falar é-lhe difícil.

2.

Joshua diz-me que não pode respeitar um povo que põe os seus filhos diante de um exército e se encobre por detrás deles. Percebo que se refere aos palestinianos. Joshua diz-me que não pode confiar nas intenções democráticas de um homem que se encontra no poder há trinta anos. Entendo que se refere a Arafat. Pergunta-me a sorrir por que não penso ir eu visitar Meca, a cidade mais sagrada do Islão, para logo me informar que é uma cidade proibida, onde a

não muçulmanos é vedada a entrada. Joshua está triste, intensamente preocupado, lê-se-lhe na cara. Tem mulher e três filhos pequenos em Jerusalém para onde regressa amanhã. Do que mais gosta no mundo é de poesia, que também escreve ou escreveu. Dou-lhe um abraço e, ao desejar-lhe boa viagem, recorro a última vez que estive em Jerusalém. Lembro-me de um árabe humilhado diante do filho por um soldado israelita e de ter pensado “Quando cresceres, se puderes matas”.

3.

Às duas e meia da tarde assisto a uma conferência sobre terrorismo biológico e químico na Rockefeller University, uma instituição dedicada exclusivamente à investigação. O anfiteatro cheio, na sua maioria por biólogos e médicos. O conferencista, antigo assessor do presidente da câmara de Nova Iorque para o terrorismo, expõe detalhadamente os diversos tipos de ameaça (desde a contaminação da água à introdução de indivíduos infectados por vírus) e as defesas possíveis. Existem já pontos de distribuição de vacinas e antibióticos espalhados pela cidade que podem ser activados em seis horas, informa. O perigo e os efeitos de um ataque deste tipo continuam no entanto imponderáveis, acrescenta. Por três vezes, tem o cuidado de repetir que não deseja ultrapassar a meia hora para dar espaço às perguntas da assistência. Quando lhe perguntam se considera provável a curto prazo um ataque com alguma destas armas, responde secamente “sim” e passa a palavra a outra pessoa. No final as pessoas saem lentamente do auditório. Cá fora, deixo-me ficar a olhar para um largo tronco de um plátano à espera de encontrar algum alívio.

4.

Há algumas semanas o meu filho, que tem 11 anos, perguntou-me se havia algum país que nunca tivesse estado

em guerra. Respondi-lhe que de facto não conhecia nenhum. De seguida perguntou-me porquê. Disse-lhe que não sabia, que a pergunta era muito difícil, que iria pensar nisso. Hoje, aqui, pela primeira vez na vida, sei que estamos em guerra. Sei que foi perpetrado um bárbaro acto de guerra que só com uma guerra pode ser punido, precavendo outros. Mas no fundo continuo um ignorante. Responder a uma violência com outra violência não será um instinto primitivo do que vive? Somos animais tecnologicamente avançados e por isso ainda mais perigosos. Abomino a violência mas sei que os pacifistas - não os pacíficos - contribuíram para o contrário do que, sincera ou hipocritamente, era o seu propósito. A nossa condição humana oscila entre a besta e o anjo. Há quem deseje a guerra e há quem não deseje a guerra e sinta que é seu dever fazer a guerra para terminar com ela. Até à próxima vez. É esta a resposta que quero dar ao meu filho, que tem onze anos e nasceu num mundo muito mais difícil do que o meu.

5.

Jantamos no Finnigan's Wake, título do último e mais modernista dos romances do irlandês James Joyce. É um simples restaurante na 1ª avenida. Esperam-me o Jack e o John. O Jack, de origem italiana, é um actor que envelhece. Nunca alcançou o sucesso e desde que o conheço está sempre atrás de algum trabalho. Recentemente, teve de sair desta cidade onde sempre viveu por causa da renda. E, no entanto, não há nele a menor inveja, o mais pequeno ressentimento, antes uma generosidade e alegria contagiantes. Gosto dele, da coragem. Ao telefone tinha-me dito com entusiasmo "Então vieste salvar-nos?". John, descendente de irlandeses, distribui bebidas não alcoólicas com um pequeno camião pela cidade. Repetiu duas vezes que o dia do ataque foi meteorologicamente o mais belo do

ano: 25 graus Celsius, nada húmido, um céu azul lindo. Jack estava em Inglaterra a concorrer para a locução de um anúncio televisivo. Bebemos cervejas. John e Jack acham que as autoridades americanas são em parte responsáveis, que deviam ter pensado mais e há mais tempo sobre o perigo que se fazia sentir. Ambos temem pela vida da cidade a curto prazo – os hotéis quase vazios, os espectáculos teatrais a fecharem, os restaurantes com um terço da clientela. Mas têm uma entusiasmada confiança na ajuda da Europa “Vão-nos todos ajudar”. Entretanto, na televisão os Mets fazem um “home-run” e um júbilo repentino atravessa o restaurante. Prometemos encontrarmo-nos no dia seguinte.

6.

Alterno a confiança com o desalento, a esperança de uma saída para o mundo com a visão da desumanidade aterradora, a preservação dos valores do espírito com o regresso à pior animalidade. O raio do jet-lag ainda não passou. Penso com inveja nos meus gatos que não sabem nada disto que percorre o mundo. Escrever ajuda, já que não sei fazer malha. K. telefona a dizer que durante a tarde teve momentos depressivos, que uma estranha solidão se lhe agarrou ao pescoço. Para mudar de conversa pergunto-lhe pelo cão de que já não me lembro o nome. Diz-me que o Cooper está óptimo e dorme com ela todas as noites. Que sorte a dele, digo-lhe, piada pobre em tempos de humor igualmente pobre. E ela diz-me para eu não ser parvo. Isto faz-me pensar que a tensão sexual desta cidade deve ter baixado para níveis mínimos. O medo aniquila o desejo. O sexo é um luxo. Pensar é um luxo. A arte é um luxo. Continuo sem conseguir determinar o seu valor. Lembrome de Schönberg ter dito quando os nazis chegaram democraticamente ao poder “Agora vamos ter de deixar de compor música. Há problemas mais importantes”. O que é

certo é que não tenho a mínima vontade de rever qualquer dos meus quadros favoritos e que desde há uma semana não consigo abrir um livro de poesia. Leio os jornais que ardem dia a dia, o efémero mostrando todo o seu poder.

Hoje é domingo em Nova Iorque

Hoje é domingo em Nova Iorque. São oito da manhã e devagar a cidade acorda. O céu tem o azul que só o céu tem, não o de uma superfície mas o de uma distância. Um bando de pombos voa entre prédios e desaparece. Tudo podia ser um sonho, tudo podia ser outra coisa, uma ilusão fugaz e passageira. São vários os estratos da realidade e por vezes confundem-se, confundindo-nos. Na primeira manhã, depois do ataque, esperei muito quieto longos momentos que algum indício me assegurasse que o que acontecera era um pesadelo, não uma memória. Por vezes é preciso esquecer para poder continuar. Esquecer, ou pelo menos afastar para um lugar onde não andem à solta, fazendo estragos, provocando sentimentos à deriva, experiências que nos fazem temer que não somos nós que temos mão sobre a vida, mas ela que tem a sua mão sobre nós. Mas eu não pretendo esquecer.

Hoje é domingo em Nova Iorque e os jornais pesam cinco quilos. Gente sentada bebe o café que dissipa a ansiedade do recomeço. Podíamos fazer alguma coisa, mas o melhor talvez seja não fazermos nada e ficarmos estendidos na cama. Deus, deixa-nos sossegar. Talvez Tu próprio precises de sossegar. Um dia semanal feriado, legado do judaísmo que se espalhou e enraizou por todo o mundo como algo tão natural como as fases da lua, contém um significado espiritual. O seu intento principal não é permitir o descanso ou o divertimento ou que tenhamos tempo para o que não temos nos outros dias. O seu objectivo é religioso: ao impor uma pausa no trabalho que nos une às coisas do mundo, convida-nos a reparar que ele é independente de nós, está antes e depois de nós, que não fomos nós que o criámos: somos simples convidados de passagem e isso deve ser agradecido.

Hoje é domingo em Nova Iorque e um sossego atravessa o azul do céu. É como se o mundo se refizesse, porventura renascesse, uma última vez. Temos faltas, feridas, sofrimentos que precisam de ser abençoados por nós, por outros ou por um deus. Chega-nos um imperativo desejo de nos tornarmos mais dignos. O mundo fica um pouco melhor, quando nos tornamos melhores. E, no entanto, sabemos que é só uma pausa, que a inquietude dos dias vai regressar com as suas preocupações, dúvidas e angústias que nos mordem a nuca, o trabalho que nos salva e consome no tempo.

Nunca encontrei ninguém que não fosse religioso. Julgo mesmo que não é possível a um humano não ser religioso. O que se modifica e altera, das mais diversas maneiras, é o modo como essa pessoa é religiosa. Para além das grandes religiões globais, das religiões circunscritas no tempo e no espaço, há quasi-religiões, pseudo-religiões, religiões privadas. O que um humano não pode deixar de conseguir, pelo menos deixar de tentar, é ligar a sua patente fragilidade, as suas determinações ocasionais – o ser deste sexo, ter este rosto, ter nascido neste lugar, falar esta língua, viver neste tempo – à estranha indiferença de tudo o que o rodeia e toca e ultrapassa e não é ele: a cadeira vazia à minha frente, a criança que chora no apartamento do lado, as ruas cruzadas por carros cada qual seguindo o seu destino, um planeta habitado por biliões que são como eu e não são eu, um modesto planeta que gira com indiferença em torno de uma galáxia periférica e a cor profunda deste céu azul numa manhã que não regressa nesta cidade a que chamaram Nova Iorque.

Esta ligação entre o que eu sou – um nada que em tudo pensa – e o que eu não sou – um tudo que é infindo

nevoeiro – pode acontecer das formas mais diversas. Acreditar no espírito que habita o rio e me deixa atravessá-lo, acreditar em deuses ciumentos e coléricos, acreditar num só deus que nunca se mostra e tudo pode porque tudo fez, acreditar em Jesus que nos ensina a amar sem ser amados. Acreditar que o tempo é a verdadeira prisão a que devemos escapar. Acreditar que a humanidade alcançará o paraíso nesta terra. Acreditar no que me dizem as cartas sobre o futuro incerto ou os astros no céu magnífico. Acreditar que este homem ou esta mulher me protegem pela sua dimensão moral - ou por qualquer outra qualidade de excepção - da susceptibilidade, da insignificância e do descontrolo da minha vida.

Hoje é domingo de manhã em Nova Iorque e as sirenes estridentes calaram-se para ouvir o silêncio contra os muros. Os corações batem mais pausadamente, como se nada fosse acabar, como se tudo se repetisse eternamente. Alguém dá um beijo a alguém e volta a adormecer agradecendo o dia. Embora se saiba que a dor continua nos hospitais, nas casas onde de repente falta uma voz habitual, na rapariga que acordou deprimida e correu para o quarto de banho e ao ver-se ao espelho começou a chorar convulsivamente, a dor latejando nas cabeças dos que perderam amigos, emprego, confiança. Embora a dor se acumule também nos inocentes obrigados a abandonar a sua aldeia, na criança que se perdeu dos pais num campo de refugiados onde não há direcção nem caminho, nos que já não sabem de onde são nem para onde irão, as raízes arrancadas, o passado devastado, as tradições mortas. Embora a dor cresça ainda no coração dos desesperados, e a raiva e a impotência no dos náufragos de um mundo em que a compaixão é asfixiante, aterradora, insuportável.

O céu profundo insiste em ser azul neste domingo em Nova Iorque e eu continuo aqui quieto neste silêncio suspenso, aguardando que de um momento para o outro a vida me desperte, me agarre e me leve para não sei onde.

De propósito, o telefone toca. É Jack a perguntar se não quero ir ver os destroços. Agradeço-lhe, digo-lhe que não, que estou demasiado cansado, o que embora seja verdade não é toda a verdade. Não conheço ninguém entre os milhares que morreram, hoje ainda designados como “os que faltam”, nem ninguém a quem tenha morrido alguém. Esta não é a minha cidade. Parece-me uma falta de pudor, uma impiedade, visitar agora aquele lugar, qualquer coisa semelhante ao que sentiria no funeral de um desconhecido. E tenho para mim que a simples curiosidade é um impulso ao qual não se deve ceder, porque engana ao parecer ensinar. Nunca sequer tive particular afeição estética por aquelas duas torres gémeas. Onde eu quero ir hoje, embora insista em não me considerar católico, é à catedral de St. Patrick, padroeiro da cidade.

Union Square

“ Fazei saber a qualquer nação, quer nos deseje bem ou mal, que pagaremos qualquer preço, suportaremos qualquer fardo, enfrentaremos qualquer dificuldade, apoiaremos qualquer amigo, opor-nos-emos a qualquer inimigo para assegurar a sobrevivência e o sucesso da liberdade.” J. F. Kennedy

Não fui, como tencionava, à catedral de St. Patrick. Encontrei-me com K. no quarto andar da livraria Barnes & Noble em Union Square, do lado oposto à rua 14. Achei a livraria deserta, não olhei para os livros, senti o luto. Eu, que frequentei essa livraria diariamente durante meses como o lugar de maior sossego para a minha alma, achei-a inóspita. Pareceu-me que os livros já não aguardavam ansiosamente ser agarrados por mãos humanas, antes se encontravam por ali perdidos, ao abandono, sem saber bem o que fazer. Felizmente K. não se atrasou. Trazia óculos, o que não é habitual.

Do lado norte de Union Square – a praça dos 50 estados - passavam numa tela ao ar livre curtas-metragens. Do outro, encontrei o que me tinham dito que deveria ir ver, sem que no entanto mo conseguissem descrever. Centenas e centenas de pequenas velas acesas, folhas de papel de várias dimensões com dizeres e desenhos, fotografias de rostos, objectos vários, gente a chorar e a cantar hinos tristes cheios de esperança. Uma manifestação religiosa espontânea sem credo particular, uma maneira de aliviar e aceitar a dor, uma maneira de não enlouquecer, pensei enquanto percorria, sem dizer palavra, com K. ao meu lado, aqueles caminhos. Esforcei-me por não me comover.

Os Estados Unidos da América, um país que não tem nome próprio como França ou Portugal mas designa geograficamente uma federação de estados autónomos, foi o primeiro a inscrever na sua Constituição o direito à total liberdade religiosa para qualquer credo. Esta comunhão na diversidade é simbolicamente vivida no feriado religioso nacional – o dia de Acção de Graças – que, propositadamente, não corresponde a nenhum dia sagrado de qualquer uma das religiões particulares. Toda a história dos Estados Unidos é atravessada por um intenso sentimento religioso que já não se encontra na Europa. Seria descabido, por exemplo, qualquer presidente ou monarca europeu mencionar durante um acto oficial a palavra deus, como fez repetidamente o presidente norte-americano no seu último discurso ao Congresso. Esta liberdade religiosa não significa que os EUA não tenham uma religião fundadora e predominante que precisamente permitiu e formulou essa Constituição. Não é um país budista nem católico, apesar de nele habitarem muitos orientais e muitos católicos. São cristãos protestantes. Só esta estrutura religiosa permite compreender o muito que de outro modo permaneceria obscuro: do modo de relacionamento entre as pessoas ao lugar que julgam ser o seu dever ocupar na história da humanidade, passando, por exemplo, pela sua atitude em relação ao dinheiro. O simples aperto de mão (que indicia a igualdade entre cidadãos), o confiante optimismo em relação ao progresso histórico, a noção de que, em princípio, a riqueza é uma consequência do mérito e do trabalho não são naturais mas sim expressões de uma cultura historicamente determinada. Além de enormes benefícios, graves consequências tiveram origem e continuarão a surgir devido a esta forma de vida, sem a qual não poderiam no entanto ser quem são.

Enquanto cristãos, os americanos são essencialmente prosélitos, isto é, acreditam que os princípios morais e políticos que os regem são universais e que, como tal, podem ser aceites por todos e devem mesmo ser espalhados para o bem da humanidade. Como cristãos protestantes, encontram-se numa relação directa com deus, afastando qualquer tipo de intermediário (como acontece na forma católica do cristianismo com a indispensável intersecção do padre, do santo, etc.) que possa desviar ou diminuir a sua absoluta confiança no humano e nas suas capacidades. Graças a estas convicções, aliam de modo indissolúvel e único a responsabilidade à liberdade e têm por ideal a democracia. Este ideal representa muito mais do que a mera possibilidade de escolher os governantes através de uma votação, visa o “poder do povo pelo povo”. Esta forma de vida comporta, como qualquer outra, os seus limites e os seus perigos. Não reconhece a possibilidade de diferenças culturais ou raciais inultrapassáveis e, no limite, não admite, porque não compreende, a resistência ou oposição à propagação de princípios e valores que tem por fundamentais.

O humanismo é assim designado precisamente porque é universal. Porém, é necessário já ser um humanista para aceitar isso mesmo. Do mesmo modo, pretender defender e continuar a herança do Ocidente é acreditar que a sua cultura é superior a qualquer outra. Esta superioridade é, no entanto, unicamente uma convicção para a qual nenhuma medida objectiva pode ser encontrada, sendo como é o produto de uma perspectiva. Tanto quanto parece, os humanos não podem viver sem convicções, necessitando de confiar em parte no que não pode ser demonstrado racionalmente. Este fenómeno remete para a condição existencial de “estar em situação”, que não pode ser evitada ou ultrapassada sem a destruição da personalidade de um

indivíduo ou de um povo. É sempre terrível a morte de uma criança, mas é essencialmente diferente ser essa criança meu filho ou filho de um outro, embora não consiga racionalmente fundamentar essa diferença. Mesmo ao assistir a um jogo entre equipas que nos são alheias, somos rapidamente levados, pelos motivos mais diversos e precários, a tomar partido. Esta posição pode até facilmente variar, simplesmente porque para um humano é demasiado custoso manter-se neutro. A neutralidade confunde-nos e isola-nos, enquanto tomar posição nos orienta e traz-nos sentido.

Esta guerra é uma guerra entre formas de vida, digo a K. sentada à minha frente numa esplanada. K. pergunta-me o que quero eu dizer com isso. Bebo um pouco de água e respondo: “ Imaginas um jogo em que uma equipa esteja a jogar basquete e a outra hóquei? Antes de começar qualquer jogo é preciso chegar a um acordo. Nem sempre isso é possível. Nesse caso, ou vai cada um para sua casa ou uma das equipas consegue impor o jogo que se vai jogar.” Fico satisfeito, por alguns instantes, com a minha metáfora. Faz calor e está húmido em Nova Iorque.

K., apesar de viver a milha e meia das torres, soube do ataque através da internet quando estava a estudar química. Depois ligou o rádio. Os telefones não funcionavam. Não saiu de casa durante todo o dia. Ao entardecer nunca viu tanta gente a andar apressadamente pelas ruas demasiado silenciosas. Não havia metro, os autocarros e os táxis tinham desaparecido. A zona onde vive foi isolada, foi necessário mostrar a carta de condução a um soldado. Sentia medo, tanto medo que abafava a compaixão pelas vítimas, disse, escondendo a vergonha. Esperava outro ataque. No segundo dia, a situação tornou-se insuportável. Ultrapassado choque, a ideia do que iria acontecer a seguir

ocupava-lhe todo o pensamento, não a largava. No céu, aviões negros desenhavam círculos sobre a cidade como aves ameaçadoras. O terceiro dia, quinta-feira, foi o pior: a tristeza, a depressão, o desespero. Pegou no cão e numa pequena mala e atravessou o Hudson num ferry. Ficou em casa de uma antiga amiga do liceu. Só regressou três dias depois. A fronteira dentro da cidade tinha regredido da rua 14 para Canal Street.

K. abre a porta de um táxi dentro do qual desaparece. São onze da noite em Union Square. Miúdos praticam skate numa área alcatroada. A grande livraria vai fechar dentro de uma hora. Pergunto-me: Que estarei eu a fazer aqui? e avanço com um passo mais rápido fugindo de qualquer coisa.

Vingança, justiça e Isaac Stern

“Alguém perguntou se era necessário um saco individual
para cada parte de um corpo,
mas ninguém soube responder”
Um médico numa morgue de Nova Iorque.

Greg acorda-me a horas indecentes. Fico contente por ouvir a sua voz, apesar de rapidamente notar a sua exaltação. Não me pergunta quando cheguei, nem o que estou cá a fazer. Pergunta-me se assisti à entrevista na televisão. Não sei a que se refere. Greg esclarece-me. O entrevistado defendia a necessidade dos Estados Unidos reverem a sua posição no conflito no médio oriente como condição para uma pacificação global. Afirmara ainda que toda a violência era injusta e, como tal, não se devia responder à violência com violência. “Que pensas disto?” pergunta sem me dar tempo de responder se tivesse disso vontade. E continua num só fôlego: “Mais do que nunca é imperioso apoiar a sobrevivência de Israel. É nosso aliado, uma ilha de democracia. É gravíssimo julgar que o que nos aconteceu teve origem nesse conflito. A destruição de Israel não é senão um dos objectivos, nem sequer o principal, dos fundamentalistas islâmicos. O ataque à América foi um ataque a um modo de vida que odeiam e pretendem destruir, não tenhas ilusões. O programa dos Bin Laden é o de uma guerra global entre o que eles acham ser o verdadeiro e puro Islão e o Ocidente. Todas as religiões, não só a judaica ou a cristã, mas mesmo outras formas do islamismo, são por eles consideradas blasfêmias a erradicar violentamente. Na Argélia, aldeias árabes são barbaramente dizimadas quando pretendem resistir a esse fanatismo. Cortam-lhes o pescoço, um a um, lentamente”. Aqui fez uma pausa prolongada para depois continuar: “Se não nos defendermos, se não atacarmos, seremos novamente

atacados. Estes fanáticos estão possuídos pela louca convicção de que podem e devem destruir o Ocidente, essa é a sua única missão. São piores e mais perigosos do que os nazis.” Pergunto-lhe que horas são e ele diz-me, três da manhã. Prometo falar-lhe no dia seguinte.

Quero voltar a adormecer e não consigo: a história da minha vida. Já ouvi dizer, um exagero, que toda Nova Iorque está a tomar Ambien, um soporífero novo no mercado. Agarro no computador e escrevo. Quando se escreve, o mundo inquieto à nossa volta acaba por sossegar e adormecer.

Ontem à noite roubei um dos inúmeros panfletos espalhados pela cidade. Estão colados aos postes eléctricos, às cabines telefónicas, cobrem as paredes junto aos hospitais. Aquele que roubei é uma folha branca de dimensão A4. No topo, centrado e sublinhado, traz um nome: Sean Lugano. Logo abaixo, pode ler-se em duas colunas: Altura: 5 pés e 9 polegadas; Peso: 165 libras; Cabelo: castanho; Olhos: castanhos. Por baixo, também centrado: Por favor telefone, e, de seguida, quatro números de telefone. A meio, a todo o comprimento da página: Visto pela última vez, KBW – 88º andar – Torre 2. A metade inferior da página é ocupada por uma fotografia a cores. É a de um homem novo, cabelo curto, olhos pequenos, sorriso largo. Traz vestida uma camisa azul clara com o colarinho desabotoado.

Hoje, pela primeira vez, passados quinze dias, o presidente da câmara, Rudolph Giuliani, declarou que se perdeu a esperança de que os seis mil e muitos desaparecidos possam ser encontrados vivos. A não ser por milagre. Mas mesmo um americano de origem italiana não acredita em milagres, a palavra milagre significa qualquer coisa de

improvável que acontece graças à tenacidade, coragem e esperança de um humano.

Não sei por que roubei o panfleto, por que o dobrei cuidadosamente em quatro, por que o quero levar comigo. Foi um impulso. Às vezes, parece que o crime nunca aconteceu. É como se tivesse de fazer um esforço para reactivar esse lugar na memória. Talvez porque sou simplesmente um visitante de passagem. Talvez porque para qualquer um a memória seja por vezes uma divindade piedosa. Mas o que sei, é que ao olhar para o rosto aberto daquele homem, a par da tristeza que senti, fui assaltado por uma vontade de vingança. Felizmente, depressa se dissipou.

É inútil pretender ignorar que o desejo de vingança é um sentimento humano. Mas sei que tal como muitos outros desejos humanos deve ser controlado, domado, se possível substituído por outro, ainda mais humano. O desejo de vingança pode ser transformado numa vontade de justiça. Acontece não ser fácil, acontece ser impossível. Talvez seja necessário qualquer coisa como uma determinada educação ou exemplos vividos ou uma força de alma ou, mais provavelmente, uma confiança. A vingança pretende uma resposta imediata a um mal com uma violência que o anule ou compense. Tu fizeste-me aquilo, eu faço-te isto. A justiça é bem diferente. Pretende a reposição do bem através do castigo imposto ao considerado culpado por uma instância imparcial segundo regras pré-estabelecidas. Neste sentido, não há guerras justas, nem injustas. Mas há guerras necessárias. Ninguém que não seja psicótico deseja a guerra pela guerra. Qualquer pessoa lúcida sabe que a guerra comporta em si um sofrimento e uma destruição terríveis. Existe porém um dever de preservação de si próprio, de valores e instituições, que pode impor a necessidade e a

obrigação de entrar em guerra. A segunda grande guerra foi certamente uma guerra necessária. A guerra do Vietname, muito provavelmente uma guerra desnecessária.

A guerra corrompe sempre e tanto mais quanto mais se prolonga. O bombardeamento de cidades inglesas pelos nazis contaminou os aliados que acabaram devastando cidades alemãs e japonesas, culminando com Hiroshima e Nagasaki. O projecto de construção das bombas (Manhattan Project) foi activado pelo receio real de que os nazis se adiantassem; e a decisão dos aliados de as utilizarem foi tomada como resposta à necessidade de uma rendição japonesa com um menor número de baixas de ambos os lados. Estes dois objectivos foram alcançados. No entanto, Hiroshima e Nagasaki continuarão sempre feridas abertas na nossa história.

Tanto quanto nos é dado saber, e cito uma carta escrita por um escritor afegão de nome Tamin Ansary exilado: “Os Taliban são um culto de ignorantes psicóticos que capturaram o Afeganistão em 1997 e mantêm o país sob a mais desumana tirania. Ao pensarem nos Taliban pensem nos nazis, ao pensarem em Bin Laden pensem num criminoso de guerra com um plano global, pensem em Hitler. E quando pensarem no povo afegão pensem nos judeus em campos de concentração.” Parece-me haver alguma coisa de certo e alguma coisa de errado nestes paralelismos.

Isaac Stern, um dos maiores violinistas do século XX, faleceu sábado passado nesta cidade. Só o soube hoje, tal a quantidade de informação que circula pelas nossas cabeças, tanta dela inútil. Quando um dia lhe perguntaram por que seria que uma invulgar maioria de grandes violinistas eram,

como ele, judeus, respondeu simplesmente: “Um violino é fácil de transportar.”

A música salva.

A luz de Nova Iorque

A luz em Nova Iorque é como a luz de Lisboa. É linda.

O café abre as portas às seis da manhã todos os dias, salvo aos domingos em que abre meia hora mais tarde. O trânsito é o trânsito de Nova Iorque – ruidoso, impaciente - com a visível diferença de pelo menos um décimo dos veículos passear consigo a bandeira americana, coisa que nos primeiros dias me tocou e agora me incomoda. Os edifícios são os edifícios de Nova Iorque, perfilados numa escalada para o céu, altivos, só que agora com uma cratera, um buraco negro, uma ausência. Falo de Manhattan, uma ilha, que antes foi Nova Amesterdão e, muito antes ainda, um cemitério índio.

Espero Greg. Não porque ele se atrase mas porque cheguei demasiado cedo. Fui despertado pelo toque do alarme de incêndio no edifício onde vivo, um falso alarme ao qual antes ninguém ligaria e agora se ouve de outra maneira, com outro cuidado. Vou sorvendo um café gigante enquanto passo os olhos pelo jornal. Medidas financeiras para estimular a economia depois dos ataques de 11 de Setembro. Apelo do presidente Bush aos afegãos para se livrarem do regime Taliban. Engarrafamentos de quilómetros devido aos controlos de segurança nas entradas da cidade. Arafat ordena o encerramento de uma exposição, na maior universidade palestiniana, que celebra um ataque suicida em Israel. Pilotos adoptam inéditas medidas de segurança. Mais suspeitos detidos, embora continuem a faltar quaisquer provas de ligação à rede terrorista. Missão militar contra o terrorismo é rebaptizada. Afeganistão produz 75% do ópio e heroína mundiais. Neo-nazi americano lamenta a morte de brancos não judeus. Estima-

se a curto prazo mais 100 000 desempregados em Nova Iorque. Reestruturação da esquadra número 1 depois da perda de mais de 300 bombeiros.

Greg não chega. Entram e saem pessoas. Tento futilmente imaginar um pouco das suas vidas para passar o tempo. Um tipo alto e forte de fato e gravata escuros, que deve ter sido campeão de alguma coisa enquanto estudante e que agora trabalha num escritório de advogados com um salário que oscila demasiado para os custos mensais fixos: renda, colégio dos dois filhos, empregada mexicana que vem duas vezes por semana, 10 dias por ano na neve. A jovem que traz uma pasta onde leva o trabalho que não conseguiu acabar na véspera e está preocupada porque de há um tempo para cá tudo lhe parece ser demasiado e não consegue dormir o suficiente nem encontrar um namorado fiável. Os dois tipos, de calças de kaki da mesma cor clara, que falam um com o outro entusiasmadamente sobre um projecto de decoração interior que tem de ser alterado, mas que vai para a frente. O senhor de idade, sentado na mesa ao meu lado de cabelos todos brancos e que combateu no Pacífico e na Coreia e a quem morreu a mulher há dois meses e agora se sente confuso e fraco. O homem que entra, calcula o tempo necessário para ser servido, e volta a sair de imediato porque tem o carro mal estacionado. O grupo de três homens de fatos macaco azuis-escuros que trabalham num edifício em construção aqui ao lado e fazem uma pausa trocando impressões sobre os jogadores dos Mets. Uma senhora de tailleur, que sai com o café na mão porque se atrasou ao ter deixado cair sobre a alcatifa clara do seu apartamento a pílula branca e demorou um quarto de hora a encontrá-la. Um tipo que está a ler o jornal e não está a ler o jornal e talvez gostasse de ser quem não é, um pianista moderadamente famoso (reconhecido entre os entendidos) ou um guarda-florestal numa montanha só sua

ou um sofisticado espião ao serviço de uma dinastia extinta, se bem que não me pudesse informar o que seria, porque sou eu próprio.

E falta meia hora para a hora combinada, quando entra uma mulher que me lembra a Nicole Kidman, talvez pela cor dos olhos ou o desenho dos lábios ou o movimento indefinido do corpo, como a vi pela última vez no filme “Eyes Wide Shut”, de Stanley Kubrick, o excêntrico realizador nova-iorquino que preferiu viver em Inglaterra onde morreu subitamente depois de terminar o filme. Filme de que não gostei da primeira vez que o vi, para logo dele gostar muito quando o revi. Hoje, aqui, parece-me óbvio que se trata de um filme cujo tema é a decadência da América, a corrupção na América, o fim da América. Uma história passada em Nova Iorque no fim do século, baseada numa história passada em Viena no princípio do século. Um filme que constantemente repete: não há caminho, nem direcção, nem sentido, resta só a miragem do prazer, e que acaba com as palavras Let’s fuck, como se estivessem escritas, a preto sobre branco, sobre a tela. Sou apanhado por um desespero do qual me tento livrar, mudando a minha posição na cadeira. O cinema é a arte por excelência do século XX, o século XX é o século americano, e Stanley Kubrick é um visionário.

No café, continua a entrar e a sair gente como se entretanto não tivesse acontecido nada. Admiro a cultura americana, poetas, pintores, arquitectos, músicos e, claro, cineastas. Porém, admiro mais ainda poetas, pintores, arquitectos, músicos e cineastas de outros países e de outros tempos. Sei que não serve de nada tentar comparar Miles Davis a João Sebastião Bach, nem John Ford a Ingmar Bergman, nem Pollock a Vermeer. Mas se me fosse possível estar perto e aprender com algum destes génios preferiria sempre os

segundos aos primeiros. É certamente por não ser daqui, mas de um lugar que o tempo levou há mais tempo. E noto com surpresa como o foco principal da cultura do Ocidente se desloca para Oeste: Atenas, Viena, Praga, Roma, Paris e depois atravessa o atlântico de barco para Nova Iorque onde chega pobre como qualquer emigrante e depois enriquece. Nova Iorque é, ou acaba de deixar de ser, o umbigo do mundo das artes.

Dou comigo a rezear que estas divagações não sejam mais do que produto da cafeína que corre nas minhas veias irrigando o cérebro, quando muito perto de mim toca um telemóvel. Quando volta a tocar lembro-me que é um que me emprestaram, e trago dentro do bolso direito das calças. É Greg. Pede muitas desculpas mas não consegue chegar a tempo de estar comigo em Manhattan devido aos engarrafamentos provocados pelos controlos antiterroristas. Digo-lhe que compreendo perfeitamente a situação, que até acabo de ler um artigo sobre esse problema. E isto é só o começo, diz com voz cansada, toda a gente nos odeia. Mando-lhe um abraço e tento encorajá-lo, eu a quem tanto falta a esperança. Cada pessoa é uma história. Cada pessoa vive o mesmo de uma maneira que é só sua. O que eu vejo é um bocadinho de um bocadinho de nada. A alma do outro é sempre um mistério insondável, a minha própria alma é um mistério insondável. Sem confiança não é possível viver, decido.

Levanto-me, levo da mesa os restos do pequeno-almoço que coloco no local apropriado, e saio abrindo a porta que dá para a rua, para o ar fresco. A luz continua igual à de Lisboa, linda. Igual à de Atenas, onde tudo isto começou há muito tempo.

Zona de guerra

X. convida-me para ir com ela jantar a casa de um casal que não vejo há muito. Conheceram-se em Lisboa, ela portuguesa e ele americano, quando trabalhavam para o mítico realizador Alain Tanner. Têm agora uma produtora de filmes sediada em Nova Iorque e nasceram-lhes dois filhos. X. avisa-me que a casa deles fica perto do que era o World Trade Center e que é complicado chegar lá, que o melhor é partirmos cedo. Toda a zona a sul de Canal Street está vedada aos táxis, há zonas restritas aos residentes, outras por completo vedadas excepto aos serviços públicos.

No metro, mais de metade das pessoas vai a ler: livros, revistas, papéis vários. X. e eu falamos. Diz-me que o que aconteceu foi a maior violência da sua vida depois que o pai, ao atravessar uma rua, foi morto por um carro. X. trabalha em Chicago e em Nova Iorque. Trabalha em física de partículas, uma paixão que partilha com a literatura e as viagens. Admiro como continua a falar português com tanta propriedade e subtileza, depois de ter vivido em Roma, Genebra e nos Estados Unidos há já cinco anos. Diz-me que passou a recear andar de metro, que se sente isolada no meio de uma comunidade de cientistas que continuam obcecados com o seu trabalho, que entre ela e o projecto que desenvolve há anos se interpôs, como um muro, uma pergunta: valerá a pena? Mudamos de metro, este nitidamente menos habitado. Eu não digo quase nada. Se possível, respondo às perguntas dela com um sim, um talvez. Não estou interessado em mim. O metro vai-se esvaziando, ficamos só os dois na nossa carruagem quando paramos na estação de Chambers St, onde saímos. Quando chegamos à superfície absorve-me uma realidade estranha, fantasmagórica. Os movimentos surgem mais lentos, mais pesados, há ecos à deriva no ar, qualquer coisa que foi

intensamente vivida e depois abandonada. Uma barreira de polícia não nos deixa seguir em frente. Ao longe, onde estavam as torres, há uma forte luz azulada que realça um fumo branco que cresce e se espalha no ar.

Sigo X. por ruas estreitas até junto de uma porta que nos é aberta e subimos de elevador até ao último andar. Não sei onde estamos. Abraço a Joana e beijo os miúdos, o Anton e a Hannah, que partilham uma pizza. Trocamos palavras que gostariam de dizer muito mais do que conseguem. A casa é um enorme loft de dois andares, decorada com um gosto depurado. Jason surge de umas escadas e, depois de me dar um abraço, diz que pede desculpa mas tem de passar meia hora pelo serviço religioso de uma sinagoga. Digo-lhe que vou com ele, se me arranja uma kippa, para pôr sobre a cabeça.

Dentro do Jeep, conta-me em voz baixa a sua história. Ia a pé para o escritório quando ouviu uma primeira explosão. Voltou para trás. Quando subia pelo elevador, a segunda torre foi atingida. Decidiram de imediato ir buscar os filhos à escola e deixar a cidade. Seguiram para norte, atravessando Harlem, deixando a ilha por uma pequena ponte. Só pararam em Woodstock em casa de um casal amigo de escritores ingleses. Não levaram consigo um par de meias. Só puderam voltar cinco dias depois. Temiam pela casa. Estava tudo intacto, o vento, que soprara nesses dias de norte para sul, tinha ajudado. Só a rede telefónica continuava sem funcionar. Mas o choque perdurava. Um dos vizinhos tinha posto a casa à venda e deixara a cidade para sempre.

Jason encontra um lugar para arrumar o carro. Diz-me que é a primeira vez que vem a esta sinagoga, que não é religioso, que só o faz por tradição. Informa-me que é uma sinagoga

reformada, quase uma igreja, diz-me a rir. Mal entramos, reparamos que estamos enganados. É uma sinagoga ortodoxa, os homens separados das mulheres, todo o serviço em hebraico. Saímos logo. Jason ri. A sinagoga que procuramos fica no Cooper Building, perto de Union Square, não percebe como se enganou. De novo no carro, esclarece-me que a mãe não é judia e que o pai passou por dois campos de concentração e deixou de acreditar em deus. Pergunto-lhe se hoje é alguma festa particular, ele responde-me que é Yom Kippur, o dia sagrado mais importante da religião judaica, e eu impulsivamente dou-lhe um forte abraço que o surpreende. Há muito tempo que não entro numa sinagoga e logo hoje é Yom Kippur. Entramos numa sala quase repleta. O serviço é em hebraico e em inglês. São comoventes e belos os poemas de graças e perdão que lemos. De novo no Jeep, Jason diz-me que na família dele não tinham por costume jejuar as 25 horas prescritas, mas mantinham a tradição de irem todos comer ao mesmo restaurante chinês no Soho.

Atravessamos três postos de controlo para podermos regressar a sua casa. De cada vez, um polícia ou um soldado de capacete e metralhadora verifica um comprovativo de residência que Jason lhe mostra. O tratamento entre os dois surpreende-me pelo seu informalismo. Jason oferece sempre o carro para ser revistado, o que nunca chega a acontecer. Mal chegamos, sentamo-nos para jantar. A mesa de jantar fica numa das extremidades do loft. A certa altura Jason, começando a falar em francês, diz que no respeito aos filhos acha que a total destruição das torres é melhor do que se ficassem destruídas pela metade. Devo fazer cara de espanto. A Joana concorda. Que se assim fosse não poderiam continuar a viver ali, e faz um gesto para a grande janela ao meu lado. É então, com um misto de incredulidade e horror, que me

apercebo que estamos a menos de trezentos metros do lugar. Levanto-me e aproximo-me o suficiente da janela para evitar o efeito de espelho que até então me tinha poupado aquela visão. Distingo nitidamente todas as janelas partidas de um edifício contíguo, mais dois sem uma única luz acesa, os projectores e os guindastes na zona devastada donde se continua a elevar um espesso fumo branco.

Volto a sentar-me. Tentamos mudar de tema de conversa. Jason fala-me do filme rodado no Vietname, “Três Estações”, de Tony Bui com o extraordinário actor Harvey Keitel, que já ganhou uma série de prémios e que, infelizmente, diz ter entrado directamente em Portugal no mercado de vídeo sem passar por uma sala de cinema. Para a produção do filme, toda a família viveu quatro meses no Vietname.

X. tem de se deitar cedo e Jason oferece-se para nos levar a casa. Antes, peço-lhe que me empreste um volume da Enciclopédia Britânica. As crianças já dormem. Dou um abraço prolongado à Joana e digo até breve, mas ambos sabemos que estes breve podem ser anos. No carro, continuamos a falar francês enquanto eu olho as luzes pela janela e dou comigo a sonhar com esta cidade que insiste em não adormecer.

Monoteísmo

Shema Yisrael, Adonai Elohaynu, Adonai Echad .

Ao atravessar a 2ª avenida, reparo que segue à minha frente um senhor baixo, de cabelo grisalho, que leva na mão direita um livro de capa negra. O livro tem inscritas a dourado palavras em arábico. O senhor leva na mão o Corão e é certamente um dos dois milhões de muçulmanos que vivem neste país, um entre o bilião que habita o nosso frágil planeta que parece muito azul e tranquilo visto de longe. O senhor desaparece numa esquina. Penso como deve ser difícil a vida destes homens, mulheres e crianças, aqui, num tempo como este, apesar da contenção da violência, das múltiplas advertências públicas de que islamismo e terrorismo não devem ser confundidos. No entanto, sinto que cresce, se não mesmo uma suspeita, pelo menos uma desconfiança que se pode transformar num abismo.

Para nós, o monoteísmo (o acreditar num só deus todo poderoso - porque tudo criou a partir de nada - e moral - porque recompensa o justo e castiga o injusto) é tão natural que temos dificuldade em entender o que chamamos politeísmo (a religião grega clássica ou o xintoísmo japonês, por exemplo) a não ser como manifestação religiosa primitiva e ultrapassada. Tendemos mesmo a tomar como equivalentes as palavras religião e monoteísmo, excluindo, por exemplo, o budismo e o confucionismo. Somos constitutivamente monoteístas, quer o pratiquemos ou pertençamos a uma cultura nele fundada.

Porém, a crença num só deus é um facto histórico que representa uma ruptura, um afastamento de outras culturas e tradições de tal ordem de grandeza que é provavelmente impossível avaliar todo o seu significado e consequências. A crença num só deus implica e produz uma outra visão do mundo, uma outra concepção de quem somos, uma outra ideia do tempo onde nos encontramos e do sentido do que é estar vivo.

As três religiões monoteístas são aparentadas, reconhecendo as duas posteriores a sua filiação na hebraica, historicamente primeira. O que pode ser causa de uma discussão infinda é a relação teológica entre as três religiões. A dificuldade – ou mesmo impossibilidade – desta relação deriva do facto de cada uma delas ter a sua história, de terem formas muito diversas de serem vividas, mesmo diferentes visões internas contraditórias. Não se é simplesmente cristão. Ou se é um pope ortodoxo do século X ou um calvinista suíço do séc. XVI ou um missionário jesuíta do século XX.

O monoteísmo hebraico encontra-se historicamente na origem tanto do cristianismo como do islamismo, o que não é necessariamente uma vantagem e menos ainda uma superioridade (uma das justificações teológicas islâmicas para a condenação do povo de Israel consiste precisamente em, tendo sido o primeiro a ser escolhido, ter traído a sua aliança com deus, colocando-se assim numa posição mais grave do que os que apenas o ignoram). A relação entre judaísmo e cristianismo é extremamente problemática. Pode ser entendida como uma continuação natural e um desenvolvimento necessário ou como uma oposição insuperável e violenta (nunca devemos esconder ou esquecer as responsabilidades cristãs na perseguição e aniquilamento de judeus, como aconteceu, só para citar um

exemplo, na península ibérica no séc. XVI). Esta dualidade e ambiguidade encontram-se já nos evangelhos. Se num deles há o cuidado de enunciar a linha de descendência directa e contínua de Jesus à casa real judaica de David, noutro os judeus são um povo amaldiçoado para sempre porque responsável pela sua crucificação.

As relações entre islamismo e judaísmo são igualmente complexas. O islamismo surge sete séculos depois do início da era cristã através de um profeta árabe de nome Maomé. Para os muçulmanos, Maomé é um mensageiro de deus, um profeta. Porém, não apenas mais um (Jesus, como outros do antigo testamento, é considerado um dos profetas), mas o último e o verdadeiro, no sentido em que a sua mensagem supera as anteriores, tornando-as inúteis já que as contém. O livro sagrado, o Corão, foi transmitido a Maomé pelo anjo São Gabriel e representa exacta e inalteravelmente as palavras de deus. Nesse aspecto, é diferente da Bíblia judaica (em que só os cinco primeiros livros - a Torah - são tidos como tendo origem divina), e também dos Evangelhos cristãos (que testemunham, com algumas diferenças entre si, a vida e o exemplo de Alguém que viveu, morreu e ressuscitou entre nós). Para além de profeta, Maomé foi um chefe guerreiro e o fundador e legislador de uma comunidade. Enquanto, com excepções maiores ou menores, tanto para o cristianismo como para o judaísmo não existe uma ligação necessária entre a fé que se vive e o modo de organização social e política na qual ela se vive (“A deus o que é de deus, a César o que é de César”), esta ligação é muito forte na origem do islamismo e é confirmada pela sua história. Assim como para um judeu ultra-ortodoxo a existência do estado de Israel não é reconhecida e é uma blasfémia por Israel ser um estado laico (os dirigentes desses grupos vivem em grande parte em Nova Iorque), e o uso profano da língua hebraica é uma

falta de respeito por esta ser considerada uma língua sagrada reservada aos serviços religiosos; também para os muçulmanos, de modo generalizado e essencial, não há, ou não deve haver, separação entre a sua fé e a forma como a sociedade é dirigida e organizada. A única tentativa de separação entre estas duas perspectivas de vida, o profano e o sagrado, encontra-se na Turquia do séc. XX.

Outra diferença importante entre as três religiões irmãs diz respeito aos não crentes. A judaica não é prosélita, porque, em princípio, só é judeu quem é filho de uma mulher judia. A religião cristã, pelo contrário, considera sua obrigação espalhar a boa nova e converter os incrédulos. A religião muçulmana conhece o imperativo de constituir uma sociedade cuja função “é apreciar o bem e proibir o mal para que não haja maldade e corrupção sobre a terra”. Alguém que perturba essa comunidade deve ser exemplarmente punido, e os opositores combatidos se recusarem a persuasão. Daqui nasce a doutrina da Jihad, guerra santa, conceito religioso básico na comunidade original muçulmana e que permite compreender a sua extraordinária expansão territorial. O seu objectivo não é a conversão de indivíduos (o que permitiu, por exemplo na península ibérica, a tolerância em relação às outras duas “religiões dos livros”), mas adquirir o poder político que permita que a sociedade seja dirigida segundo os princípios do Islão. As conversões forçadas são proibidas, as conversões espontâneas bem-vindas.

Penso nisto tudo enquanto caminho. Penso nas divisões e lutas fratricidas dentro de cada uma destas religiões. Penso nas longas guerras entre as várias religiões. Pergunto-me que humanidade é esta que parece que quanto mais se aproxima menos se entende, se divide e combate, e acabo por me lembrar dos versos de W.H. Auden : “O que

chamamos história nada tem que nos orgulhe, sendo feita, tal como é, pelo criminoso em nós. A bondade é eterna.”

Por favor não te preocupes com nada

1.

Bridget veio visitar-me depois do trabalho. Estava um ano mais velha. Sentou-se num sofá e eu sentei-me no outro, à frente dela. Ficámos a olhar-nos. Achei-a ainda mais bonita e disse-lho. Sorriu sem dizer nada. Bridget é filha de mãe filipina e de pai neozelandês e nasceu em Princeton por acaso. Trabalha num banco. Quando a conheci, o que mais me impressionou, para além da sua exótica beleza, foi a velocidade com que falava (obrigando-me demasiadas vezes a pedir-lhe que repetisse), a quantidade de cigarros que fumava (num país em que nas festas os convidados viciados se juntam no patamar das escadas como uma casta intocável) e o falar japonês correctamente. Hoje, parece-me mais alta, mais adulta. Pergunto-lhe se quer beber alguma coisa e pede-me um copo de água. Digo-lhe que pode fumar à vontade e ela tira de imediato um maço da carteira. Continua a olhar-me e a não dizer nada. Também eu fico calado. No ano passado, confessou-me que tinha decidido ter como ideal de vida a autenticidade e eu, ignorando se a podia ajudar ou não, ofereci-lhe uma tradução inglesa de “Ser e Tempo” de Heidegger. Aconselhei-a a não ler o prefácio e a ir directamente aos capítulos que mais a interessassem. Ignoro se chegou a ler alguma página desse livro que mudou a minha vida. O que eu quero é saber dela. Mas ela continua silenciosa, sentada no sofá à minha frente, olhando-me de um modo que não consigo interpretar. Digo-lhe, por favor diz alguma coisa senão sou eu que tenho de começar a falar e nunca mais me calo. É o que acontece. Levanto-me e, andando de um lado para o outro, digo-lhe onde estava, descrevo-lhe a minha agonia, tento explicar por que tive de vir, e conto-lhe como agora passo muitas horas diariamente a escrever histórias, eficaz maneira de não pensar em mais nada. Volto a sentar-me. Ela

permanece calada. Não sei o que lhe perguntar, nem como. Não sei se lhe morreu alguém próximo ou distante. Está toda vestida de preto, mas isso pode não querer dizer nada. Começo a ficar nervoso, impaciente. Olho pela janela os carros que se cruzam lá em baixo. O silêncio começa a ser tão insuportável que repito, por favor diz alguma coisa, e ela sorri um sorriso belo e pacífico. Conto-lhe que gostava de a ter como modelo para uma fotonovela em que uma rapariga acorda, vê televisão, bebe café, toma duche, se estende preguiçosa sobre uma cama com várias almofadas, coisas simples que se fazem na manhã de um sábado. Acrescento que cada fotografia ocuparia uma página inteira e seria discretamente acompanhada por pequenos textos: recordações da noite anterior, pensamentos sobre o desejo, dificuldades passageiras com a mãe, coisas de nada. Mas, continuo, é claro que agora é impensável fazer qualquer coisa desse tipo, que esse projecto perdeu o interesse e o sentido. Estamos de luto, não é? Ela responde que sim. Bridget levanta-se, agarra no casaco, agradece-me e dá-me um longo e estreito abraço. Acompanho-a ao elevador onde me volta a abraçar e me pede, por favor, que não me preocupe com ela, que não é nada.

2.

Mal volto a entrar no apartamento o telefone toca. É K.. Diz-me que esteve todo o dia deprimida, passou o dia a chorar, que continuam a cair-lhe lágrimas mesmo agora que está comigo ao telefone. Pergunto-lhe no que esteve a pensar para estar assim deprimida. Responde que pensou num rapaz, nos exames e na vida. Para a tentar animar, digo-lhe que são demasiadas coisas ao mesmo tempo, que me explique uma de cada vez. O rapaz prometeu que lhe ia telefonar e não telefona e não é a primeira vez que isso acontece. Digo-lhe: “Fuck the boy! É porque não te merece.

Tens de aprender a esperar pelo tipo certo. És maravilhosa. Eu sei que nesta cidade é tudo demasiado rápido, mesmo o amor ou o que com ele se parece”. No exame de química não conseguiu resolver o último problema. Digo-lhe: “Dez pontos não são nada. É extraordinário teres conseguido concentrar-te o suficiente para estudar numa situação destas. Eu não conseguia”. Fico satisfeito com as minhas respostas. E a vida, pergunta ela? Sinto-me atrapalhado, sem saber o que dizer e, como às vezes acontece, começo a falar sem pensar um instante sequer no que pretendo dizer: “A vida nunca se sabe. Uma pequena coisa pode mudar muito, para melhor ou para pior. Não desesperes. Isto é muito mais do que isto. Os antigos diziam que a vida era uma viagem. Porque é que não vamos mas é comer uma pizza?” Não me apetece sair, mas sinto a obrigação de a tirar de casa e combinamos um sítio e uma hora.

3.

Mal desligo o telefone, este volta a tocar de imediato. É Greg. Não me parece mais sereno do que no outro dia, pelo contrário. Diz-me que esta união do mundo contra o terrorismo é só uma aparência atrás da qual cada governo vai agir segundo o seu próprio interesse para combater o que considerar ser um inimigo ou uma ameaça. Que não é possível definir objectiva e universalmente quem é, ou pode vir a ser, um terrorista. Que com o pretexto da segurança, a liberdade vai inevitavelmente sofrer. Que sem liberdade não há criatividade. Que sem criatividade é o fim. Que a criatividade é o maior dos escândalos para o dogmatismo e que todas as religiões são dogmáticas, só variando no grau desse dogmatismo. Que o dogmatismo é o género mais simples do totalitarismo: se eu tenho razão, tu não podes ter razão, porque a verdade é só uma. Que a tolerância existe em períodos de relativa prosperidade, um luxo que logo desaparece quando só há comida para um e não para o

outro. Ouço muito calado. Pergunta-me directamente: “Que achas tu da Europa, tu que és europeu?” E eu respondo-lhe, quase envergonhado: “A Europa está espiritualmente moribunda depois do duplo suicídio das duas grandes guerras e do assassinio de seis milhões de judeus. Sem a liderança da América, divide-se e desfaz-se num instante. É muito triste. Espero aliás estar completamente enganado. Tenho um filho de 11 anos, sabes?” . Há um silêncio dos dois lados e depois digo-lhe já sem vontade: “São tantas as formas de islamismo que se odeiam e combatem entre si há séculos e séculos. Nem é possível um acordo e uma unidade entre formas aparentemente tão próximas como a católica e a protestante, divididas há cinco séculos, já para não falar nos ortodoxos. E, como se costuma dizer, quando há cinco judeus numa sala há seis opiniões diferentes. Não vejo senão a possibilidade de uma paz, de uma convivência e tolerância impostas. Em parte, era essa a situação que vivíamos na guerra fria, os inimigos eram no fundo aliados. Agora, seria necessário um poder suficientemente forte que não sei se existe.” Desligamos sabendo que nenhum de nós quer continuar esta conversa.

Sinto-me, pela primeira vez desde que cheguei a Nova Iorque, profundamente deprimido. Ponho um disco de Miles Davies aos altos berros, bato com os punhos na porta da cozinha e penso na pizza que não me apetece.

Eu podia ser um terrorista

A partir de certa altura, as nossas inflamadas discussões teóricas, em casa de um ou de outro, mostraram-se supérfluas, desprezáveis. Apercebemo-nos de que só a acção poderia trazer validade às nossas palavras, consistência a nós próprios. Começámos a planear a destruição de um automóvel usado privadamente por um ministro de Marcelo Caetano. Eu tinha dezassete anos. Tive a sorte de ser entretanto cooptado por um grupo político de indivíduos mais velhos e responsáveis que praticava acções de propaganda e subversão sem pôr em perigo vidas humanas, e de o fim da tirania ter chegado, sem ninguém o esperar, numa madrugada. Porém, não duvido que teria sido não só possível mas provável que, mais tarde ou mais cedo, no mesmo grupo ou noutra, eu viesse a participar em acções terroristas se a situação anterior, que me era insuportável, se prolongasse. O português responsável pelo primeiro desvio de avião da história era um dos nossos heróis.

Assim como é difícil responder a uma pergunta tão simples como “Porque gostas tu desta pessoa?” sem recorrer a um elenco aproximado - nem definitivo, nem exaustivo - de motivos, também é difícil compreender as razões (ou a falta delas) que levam um indivíduo a tornar-se um terrorista. Podem ser muitas e das mais variadas. O terror é uma forma extrema do medo e tem nele a sua origem. O medo é um sentimento natural e indispensável à vida de qualquer pessoa. Tenho medo de perder o emprego, tenho medo de passar por esta zona mal iluminada da cidade, tenho medo de aranhas. Tem um aspecto positivo porque me protege e um negativo porque me inibe. O medo varia igualmente com o estado psicológico, se mais seguro, se menos seguro.

Posso deixar de ter medo disto para passar a ter medo daquilo. Uma diferença importante a considerar é saber se o medo se encontra fora de mim ou dentro de mim, isto é, se possui uma figura definida e identificável ou se habita em mim sem mostrar a sua face. O medo pode transformar-se em terror e o terror, diminuindo de intensidade, transformar-se de novo em medo.

Quando tinha dezassete anos, tinha medo se tocavam à porta a horas não habituais, tinha medo quando durante uma acção de propaganda suspeitava que os indivíduos que me rodeavam pertenciam à polícia política, tinha medo de ser preso e ser sujeito às torturas que nos eram minuciosamente descritas por quem por elas tinha passado e tinha muito medo por ignorar se resistiria sem falar ou se cederia. Esse medo originava uma de duas reacções diferentes que se sucediam e alternavam: a imobilidade total ou o avanço, mesmo imponderado, contra o objecto do medo. Mas movia-me um elemento de enorme importância, o sentimento de pertença. Eu não estava sozinho, uniam-nos laços de uma qualidade única e irrecuperável. E, no limite, assim como aceitava a possibilidade de ser morto, sentia-me no direito de matar se necessário, e nada disto, morrer ou matar, era em vão porque realizado em prol de uma causa que tudo parecia poder justificar. Os aspectos religiosos extremistas desta experiência são-me agora mais do que evidentes, embora se camuflassem então por detrás de um discurso que abominava qualquer religião e se pretendia científico.

O grau de violência sentido por um indivíduo, para o qual não há medida objectiva, pode levá-lo a uma revolta e a uma reacção em que o mesmo grau de violência seja não só permitido, como justificado. Por vezes, a única forma de um indivíduo conseguir superar o medo que sente pode ser

transferindo ou espalhando o medo que sente. Tenho terror do futuro, da morte que me persegue, logo anulo-a, ou pelo menos suspendo-a, matando antes que ela me mate. (Lembro-me da paradoxal palavra de ordem dos fascistas espanhóis na guerra civil “Viva la muerte”). Esta resposta é essencialmente diferente da coragem, que não consiste em negar o medo mas sim em vencer o medo.

Um acto terrorista é sempre um acto egoísta e cobarde que pretende fazer-se passar pelo contrário, e os que o perpetram estão, de facto, convencidos do contrário. Um acto terrorista tem sempre como origem o desespero e a impotência, apesar de se mostrar como um acto motivado pela esperança num determinado futuro e de alicerçado num poder que aos outros falta. Assim, uma vez que o medo e o terror não podem ser vencidos pelo medo e pelo terror (mas apenas suspensos temporariamente), o medo e o terror só podem dar origem e fazer crescer mais medo e mais terror. A situação na Irlanda do Norte, em Israel e na Palestina, no País Basco são disto um exemplo, porque mostram a evidência da impossibilidade de uma solução. E o terror instituído em regimes como o nazi ou o soviético levou à sua destruição e morte.

O que eu tinha com dezassete anos era um orgulho desmedido, a estranha convicção de que uma verdade me fora revelada e me tornava invencível, uma vontade de poder que me distinguia e separava de todos os outros que não partilhavam exactamente as mesmas convicções e que eu considerava inferiores e dispensáveis. Do que eu sofria com dezassete anos era de isolamento, de ignorância e de desconhecimento do amor. Em condições em que a sobrevivência de indivíduos se encontra ameaçada ou é extremamente difícil, como é o caso em vários países árabes, a riqueza do relacionamento humano baixa para

graus mínimos e insuficientes. Num campo de concentração não há histórias de amor nem de amizade nem sequer de mínima solidariedade, como nos mostrou Primo Levi.

O que aconteceu em Nova Iorque não foi só a maior acção terrorista da história, foi, de facto, um acto de guerra. O seu objectivo principal não foi a propaganda violenta a favor de uma causa enquanto meio de pressão não político para o seu triunfo (nos casos europeus, a cada movimento armado clandestino corresponde um movimento político legalizado como partido), mas sim a destruição de um regime considerado o principal responsável pelo modo como se vive, bem e mal, no planeta. O inédito desta acção é o não ter sido organizada por um estado, mas por redes de indivíduos espalhados clandestinamente por diversos estados ou por eles apoiados. Encontramo-nos numa situação radicalmente nova à qual poderemos, ou não, saber responder. Quando o humano se confronta com um problema para o qual não pode antever a solução (ou mesmo se esta existe), acontece a história. Winston Churchill - porventura o último, esperemos que não o derradeiro, grande estadista mundial - escreveu: “Não podemos estar certos da vitória, mas devemos estar certos de merecer a vitória.”

No caso presente, encontramos-nos tão desmunidos que nem sabemos claramente o que pode querer dizer vitória.

Jerusalém

A primeira coisa que um visitante a Jerusalém deveria saber poderia ser causa de uma desilusão que o inibiria de empreender a viagem. Nada do que vê - as muralhas que cercam a velha cidade, os caminhos estreitos que percorre desembocando nos lugares mais surpreendentes, as igrejas das mais diversas confissões, as mesquitas perfeitas – testemunhou os acontecimentos que tornam aquela cidade sagrada para as três religiões monoteístas. Restam apenas vestígios arqueológicos, como uma parte do muro que sustentava o templo reconstruído de Salomão e sobre o qual se ergue hoje a terceira mesquita mais importante do Islão. De facto, toda a cidade foi destruída, reconstruída e desfigurada com uma violência e tenacidade únicas, de tal modo que só o lugar onde se ergue é o mesmo e só por isso merece ser designado pelo mesmo nome. No ano 70 da nossa era, a cidade foi quase totalmente destruída pelos romanos, destruição que se completou no ano 135, após revoltas de judeus. O imperador Adriano mandou construir, sobre os escombros, uma cidade romana a que chamou Aelia Capitolina, cujo traçado de base é o de hoje.

Jerusalém é um lugar de história extremamente conturbada: cidade sob domínio faraónico; capital do reino da Judeia e Israel no tempo de David (1000 AC); arrasada pelos Assírios em 586 AC; conquistada por Alexandre da Macedónia em 333 AC; capturada por Pompeu em 63 AC (que inaugura o domínio romano e continua até a sua consagração cristã graças à conversão do imperador Constantino em 326 DC); invasão persa durante a qual todos os seus habitantes são massacrados e todas as igrejas destruídas; período islâmico que se inicia em 638, em que volta a ser habitada por judeus e cristãos; capital do Reino

Cristão de Jerusalém de 1099 a 1187, de onde judeus e muçulmanos são expulsos e as mesquitas transformadas em igrejas; volta a ser árabe, novamente cristã e depois, durante quatro séculos, turca otomana; é conquistada pelos ingleses em 1917 que aí permanecem até 1948, ano da proclamação da independência do Estado de Israel; a parte antiga da cidade é anexada pelos israelitas em consequência da vitória na guerra de 1967 contra o Egito e a Jordânia, a quem antes pertencia.

O conflito entre judeus e árabes no território geograficamente denominado Palestina é extremamente complexo e de difícil resolução porque baseado, em parte, em mitos. Um mito não é uma anedota inventada, mas uma história em que os humanos se reconhecem e adquirem uma identidade. Embora não sirva de explicação racional, todos nós nos servimos de mitos pessoais, nacionais ou outros, sem os quais a nossa identidade corre perigo e não sabemos viver.

São muito diferentes as relações entre as três fés e os seus lugares sagrados. A relação entre a sua fé e uma terra determinada é um mito fundador da identidade judaica. Ser judeu significa não só comungar de uma crença, mas pertencer a um povo cuja história é centrada num território, Eretz Israel. Com São Paulo, o cristianismo cortou para sempre essa ligação afirmando a universalidade da mensagem de Cristo, independentemente da nação a que se pertence. Para um católico uma visita ao Vaticano pode ser mais reconfortante do que uma visita a Jerusalém. Apesar de a visita a Meca ser considerada uma obrigação para um muçulmano, o feto do islamismo consiste em viver sob as leis do Profeta, onde quer que se esteja, de preferência numa nação islâmica. Assim, a primeira obrigação de um

novo soberano otomano era a conquista de um novo território, para assim espalhar o domínio da lei muçulmana.

O movimento sionista – “uma pátria para o povo hebraico” – teve início no século XIX e foi, paradoxalmente, sobretudo um movimento secular moderno, ao qual a maioria dos judeus religiosos se opuseram e muitos ainda se opõe. A emigração de judeus para a Palestina, que então começou, foi motivada por vários factores: o anti-semitismo endémico na Europa, as dificuldades de integração em particular na Europa de leste, a fuga à pobreza, e as perseguições na Europa e na Rússia que culminaram em pogroms e no holocausto do séc. XX.

A Declaração Balfour de 1917, aceite cinco anos mais tarde pela Liga das Nações, reconhecia o direito a uma pátria para os judeus na Palestina. Em Setembro de 1922, os ingleses – que detinham o poder sobre o protectorado da Palestina - promulgaram uma constituição para um Estado da Palestina único, no qual judeus e árabes cooperariam. Os representantes árabes recusaram esta solução. Uma partição pacífica do território ficou em aberto. Em Março de 1945, formou-se a Liga dos Estados Árabes, para defender os interesses da população árabe na Palestina (de 84000 em 1922, os judeus passaram a 445500 em 1939, 30% da população total). A recusa britânica em aceitar 100000 refugiados judeus, contrariando o apelo do presidente norte-americano Truman, origina a guerra entre judeus e britânicos na Palestina. A 29 de Novembro de 1947 a Assembleia Geral das Nações Unidas aprova uma proposta de partição da Palestina em dois estados: um israelita e um árabe. Os representantes árabes recusam a sua validade, negando o direito à existência de um Estado de Israel. A dia 14 de Maio de 1948, é proclamado o Estado de Israel, sendo de imediato reconhecido pelos Estados Unidos da

América e pela União Soviética. No dia seguinte, Israel é atacado pelo Egipto, Síria, Transjordânia e Iraque, conseguindo, no entanto, travar a invasão. Israel representa a chegada de um estado de modelo moderno europeu no médio oriente, enquanto é ao mesmo tempo considerado uma presença inaceitável estrangeira em solo árabe. Uma das consequências das guerras de 1967 e 1973 (em que os israelitas não foram os agressores e obtiveram, contra todas as expectativas, a vitória), foi a constituição da Organização de Libertação da Palestina. Primeiro com bases na Jordânia (de onde é violentamente expulsa pelos Jordanos em 1970), desloca-se depois para o Líbano. Outra das consequências da guerra de 1967 foi a tomada de Jerusalém à Jordânia. Em 1979 é assinada a paz entre o Egipto e Israel (o presidente do egípcio Anwar el-Sadat é assassinado dois anos depois por extremistas árabes, e, recentemente, o general e primeiro ministro de Israel, Yitzhak Rabin, é morto por extremistas israelitas). Em 1982, Israel ataca o Líbano destruindo as bases militares da OLP e da Síria. Em 1988, Yasser Arafat reconhece pela primeira vez o direito à existência do Estado de Israel a par de um Estado Palestiniano, com Jerusalém como capital. Em 1993, realiza-se em Camp David o mútuo reconhecimento de Israel e da OLP, assim como o direito à autonomia da faixa de Gaza e da zona de Jericó.

A paz ainda está longe e não assegurada. Há fanáticos e extremistas dos dois lados, ambos cometeram crimes e actos terroristas, e estados árabes continuam sem reconhecer Israel. O conflito israelo-palestiniano não está na origem desta guerra que já começou, mas os caminhos para a sua solução ou fracasso são elementos de grande importância para o seu desenlace. Os EUA não podem deixar cair Israel porque para além da importância económica, artística e científica da população judaica que aí

habita e dos interesses estratégicos e militares da posição no médio oriente, os americanos sabem há muito que o deus que têm inscrito na sua constituição, e é o seu último garante moral, é o deus de Abraão, Isaac e Jacob, o deus que também o é do profeta Muhammad.

América

“O problema não é saber se existe um mundo desconhecido,
o problema é saber até que horas está aberto
e a que distância fica de Midtown Manhattan”
Woody Allen

Os cartazes publicitários da GAP que cobriam a cidade foram, de um dia para o outro, substituídos por propaganda onde, sobre uma bandeira americana ondulando ao vento, se pode ler: “In God We Trust. United we stand”. Não me agrada. Não a ideia que julgo compreender, antes a forma e o meio. Mas estamos na América.

As populações que mais vão sofrer economicamente com a recessão acelerada pelo ataque de 11 de Setembro são as dos países mais pobres, leio no jornal da manhã. Só para Robin Hood a riqueza que se roubaria aos poucos muito ricos faria com que os muitos pobres ficassem menos pobres. O único a ficar mais rico é, obviamente, o próprio Robin Hood.

A riqueza dos Estados Unidos (que é condição do luxo da liberdade e da responsabilidade que constituem os seus ideais históricos) tem três causas principais: um território muito extenso e excepcionalmente rico; muito trabalho (segundo a pseudo-teoria marxista, os americanos são os trabalhadores mais explorados do planeta, porque os que produzem maior mais-valia); uma organização que funciona, baseada numa constituição democrática que é historicamente a mais antiga dos tempos modernos e o principal modelo de todas as democracias no planeta. A grande diferença entre os países da América do Norte (não convém estar sempre a esquecer o Canadá) e do Sul assenta

sobretudo na diferença religiosa, cultural e política dos seus colonizadores. Vêm-me à cabeça os versos do grande poeta brasileiro Caetano Veloso quando canta com pesar a “incompetência da América católica”.

Só um idiota ou um ignorante poderia afirmar que os Estados Unidos da América foram já, são, ou serão alguma vez um paraíso na terra. Pelo contrário, os regimes que tentaram, ou tentam, alcançar esse objectivo mostraram, ou mostram, ser hediondos. A história dos EUA é marcada por muitas violências, injustiças e derrotas.

A colonização desta parte do continente americano por povos do norte da Europa foi violenta (se bem que a sua história seja bem diferente e bem mais complexa do que a visão simplista e infantil de um conjunto de tribos de bons selvagens a serem dizimados por bárbaros). A guerra de independência contra a Inglaterra foi violenta, cometeram-se atrocidades de parte a parte, e o facto de os EUA serem uma antiga colónia teve, e tem, repercussões a muitos níveis, da política interna à externa. A guerra civil norte-americana foi extremamente violenta e pode ser considerada a refundação dos Estados Unidos da América. A abolição da escravatura, com a vitória dos Estados do Norte, não implicou o fim da segregação e discriminação raciais que perdurou fortemente até aos anos 60 e não foi ainda, nem poderá talvez ser, totalmente erradicada. Os Estados Unidos entraram em várias guerras (quase sempre nelas envolvidos contra a sua vontade inicial): primeira e segunda guerras mundiais (em que o seu papel foi decisivo e graças às quais se tornaram potência mundial), guerra da Coreia, guerra do Vietname (iniciada pelo mais simpático e, provavelmente, um dos piores presidentes norte-americanos, o católico J.F. Kennedy), sem esquecer a longa Guerra Fria que só terminou em 1989 e conseguiu conter o

avanço do hediondo regime soviético. O que os europeus têm para com os americanos é umas dívidas que não poderão saldar nunca (aqui se encontra, paradoxal mas compreensivelmente, a origem psicológica do antiamericanismo europeu).

Corrupção, injustiça, discriminação racial e violência existem neste país (se bem que, por exemplo, a corrupção e a injustiça existentes em Portugal sejam relativamente muito superiores). Poder-se-ia mesmo argumentar que é um país que já entrou em decadência, porventura a partir da guerra no Vietname, uma guerra sem saída nem vitória em que crimes de guerra se tornaram correntes, corrompendo e enfraquecendo moralmente soldados e cidadãos.

O presidente da câmara de Nova Iorque, Giuliani, que sofre de cancro de próstata e tem sido considerado nas últimas semanas não só um herói da cidade mas herói nacional, afirmou nas Nações Unidas, repetindo, por outras palavras, o que disse o presidente dos EUA: “Ou se está com a civilização ou com o terrorismo, acabou a era do relativismo moral.” Isto pressupõe uma unidade de significado para a palavra civilização, conceito controverso e problemático. A América não é o berço da Civilização, não há berços da Civilização e, como escreveu Walter Benjamin, não há registo de Civilização que não seja em simultâneo um registo de barbárie. Por todo o planeta, as mais variadas culturas e tradições, de riqueza incalculável, têm sido destruídas e apagadas nos últimos séculos pelo que chamamos “a nossa civilização”, o Ocidente.

O terror que nos ameaça e combate não pretende instaurar uma nova civilização, mas sim destruir aquela que toma como responsável por uma situação em que já não consegue encontrar razões para continuar a viver. Na

situação presente, os Estados Unidos da América foram os primeiros a ser atacados porque são justamente considerados os líderes e os garantes da sobrevivência do Ocidente. Os EUA encontram-se numa posição que não desejaram mas que foram, pouco a pouco, levados a ocupar no século XX e da qual já não se podem livrar, nem consideram ser seu dever livrar-se. Talvez, com a exceção da Grã-Bretanha e de Israel, se encontrem de facto sozinhos face a um inimigo cuja dimensão os outros países ignoram, ou lhes convém ignorar. O que faz inevitavelmente pensar nos esforços pacifistas ingleses de Chamberlain em relação a Hitler, ou na inconsciente soberba francesa, antes do início da Segunda Guerra mundial.

O Ocidente precisa de se expandir para sobreviver, o poder precisa de ser mais poder para continuar a ser poder? É uma questão que se encontra claramente exposta no livro de Tucídides, “A guerra do Peloponeso”, escrito há 24 séculos, dita pela boca de um embaixador Ateniense: “Há uma lei à qual obedecemos, e à qual todos os que estarão na nossa situação deverão obedecer, embora ninguém conheça a sua origem: o ser quer ser mais ser para poder continuar a ser, o poder mais poder para poder sobreviver.”

Vou para casa

em memória do meu avô Basílio, emigrante nos EUA

Colombo (www.jorgecolombo.com) continua uma coleção de fotografias de umbigos, apontando cuidadosamente, num caderno de capa preta, o primeiro nome e o ano de nascimento do umbigo fotografado. Paula decidiu finalmente ir cortar o cabelo, depois de o ter decidido há três semanas. Dora, de 82 anos, dorme tranquilamente num quarto branco de hospital ignorando que morre. John recebeu um telefonema de uma antiga namorada que não vê há dez anos e combinaram almoçar no Kitaro, um pequeno restaurante japonês na 1ª avenida. Toda a gente quer algum conforto, algum mimo, um sinal de humanidade.

Vejo passar na rua a primeira pessoa de cachecol. O empregado mexicano, que divide um T2 com dez pessoas e me traz a pizza com anchovas e espinafres, está, pela primeira vez na vida, preocupado com a queda do dólar em relação ao peso porque tem de continuar a sustentar uma família de sete que não vê há dois anos. K. insiste em falar-me no rapaz que a evita, como se fosse a única pessoa que existisse no mundo, e eu perco a paciência. Brandon tem amanhã um encontro importante com um produtor discográfico mas confessa-me que a palavra “importante” se tornou subitamente indefinida. Greg não tem dormido mais do que três horas por noite e transporta duas máscaras de gás no carro, uma para ele, a outra para quem for preciso. Jack fez de Kramer numa festa em New Jersey e ganhou 500 dólares, o que não é mal pago apesar do trabalho ter algumas partes humilhantes. Toda a gente espera alguma

coisa que não acontece, que nem sabe o que é. Menos as crianças, que continuam distraídas com os anjos.

Sean Lugano não voltou a aparecer em nenhum lado, nem enquanto cadáver. Roubaram-lhe a vida e a morte. A minha irmã mais nova, que viveu e trabalhou nesta cidade três anos abandonando-a quatro semanas antes do ataque, manda-me um email do Brasil dizendo que é lindo e, sem especificar, que está preocupada comigo. O meu filho telefonou e disse a quem atendeu que era o meu filho. O vizinho do lado bateu na mulher e levaram-no algemado para uma esquadra. Bridget não volta a telefonar, tenho a certeza. Duas raparigas muito altas com que me cruzo na rua seriam noutras circunstâncias objecto de forte atracção sexual e agora nada. Tudo é o mesmo e nada é o mesmo e a maior parte das pessoas sofre de um cansaço, se for mesmo cansaço. Também há quem continue na vida como se nada tivesse acontecido, usufruindo os benefícios de aqui estar e maldizendo este país. Tenho para com essas pessoas uma raiva pouco democrática.

Os jornais não dizem nada. Pelo menos sobre o que mais ansiamos. Alguns procuram dar a impressão que sabem mais alguma coisa do que de facto não sabem. Ainda não fui a St. Patrick's. Nem a Central Park. Ainda não reví o meu Balthus favorito, o meu Pollock número um, o meu Caravaggio supremo. Nem penso informar-me do que estreia na ópera, quanto mais lá ir. Só se fosse Wagner. (Recordo-me, sem propósito, de G. Steiner estabelecer uma diferença perturbante ao escrever que se pode matar alguém ao som de Wagner, mas não ao ouvir Mozart). Devia ser mais bem educado. O casal italiano que me convidou para ir jantar lá a casa foi despachado porque me atrasei a escrever uma história. Dos táxis desapareceram as anteriores mensagens assinadas por Giuliani em que se

podia ler: “ Nova Iorque é, de entre as maiores cidades do mundo, a mais segura”. O empregado do café que frequento religiosamente cumprimenta-me todas as manhãs – a mim e a quem quer que seja do meu sexo - com um “sir” magnífico. Continuo à procura do cinzeiro que nunca encontro. Tomo um Librax para o estômago.

Nada continua a ser mais belo do que uma mulher a dormir, penso. Telefono a X. e digo-lhe: “Tenho dores no estômago, no coração e na cabeça”, e ela responde-me com uma receita comprovada: “Primeiro, fechar todas as janelas; segundo, telefonar a um amigo do coração; terceiro, não tomar nem café nem chá nem fumar nicotina depois das quatro da tarde; quarto, aprender a fazer exercícios respiratórios de ioga.”

O medo anda por aí em redemoinhos. Os habitantes desta cidade são os mais corajosos seres humanos que conheci na vida, digo a mim mesmo. Transformam o medo em vontade de serem melhores, beijam os filhos exageradamente, controlam-se para permanecerem calmos em situações em que antes o stress de que sofrem e lhes corrói os nervos se exprimiria em palavras violentas, um movimento brusco dos braços, uma qualquer explícita impaciência contra o bater do tempo que é o mais forte do planeta. Mas o medo anda por aí em redemoinhos. De quando em quando, somos apanhados por ele numa espiral que cresce e se eleva. Alguém puxa uma eventualidade, outro fala da possibilidade daquilo, todos sabem que nada terminou ainda e subitamente parece que, se não a próxima semana, talvez mesmo o dia de amanhã seja impossível, desapareça. Debruçamo-nos sobre um abismo, não sabemos nada de nada do que nos espera. Isso assusta muito. Ao fim da tarde, o melhor é beber duas cervejas, mais tarde fumar um

cigarro de marijuana, tomar talvez outro comprimido até que a noite antiquíssima venha e nos leve com ela.

Entretanto, as sirenes habituais continuam a passar, estridentes. Anton e Hannah estão na escola a acabar um desenho, sujam as mãos e riem. O senhor Manoel de Oliveira, que não estava para vir antes do ataque, veio ao Festival de Cinema de Nova Iorque para mostrar o seu último filme “Vou para casa”, com Michel Piccoli e John Malkovich. Quando da plateia lhe perguntam qual é a sua verdadeira idade, que não acreditam na que vem no programa, responde imperturbável: “eu também não.” É verdade que hoje, depois do pequeno-almoço, comecei a chorar sem razão particular, a não ser uma tristeza muito funda.

Não passam as dores no estômago, no coração, na cabeça. Escrever também é uma fuga, uma cobardia. Não tenho mais nada que fazer. Não sei fazer mais nada. Diferentes responsáveis e organizações pedem repetidamente aos americanos o imenso esforço de continuarem as suas vidas como antes do ataque, que isso será o começo da vitória. O povo americano só pode ser vencido pelo medo e o medo anda por aí em torvelinhos.

Vou para casa. Tenho obrigações, família, dois gatos e um piano à minha espera. Vou para casa.

Regresso

O Sr. Oliveira, face à prolongada demora na chegada das bagagens no aeroporto da Portela disse alto, bem-disposto e a sorrir: "Este é o primeiro sinal de que chegámos a casa". O Sr. Oliveira, meu companheiro de viagem, é montador de peças numa fábrica da Black & Decker no estado de Massachusetts faz 21 anos. A mulher regressou de vez à terra porque não aguentou, "tinha dores de cabeça", justificou ele em voz baixa. O Sr. Oliveira fez o turno da manhã até às onze e trinta, tomou um duche rápido, partilhou uma limusina com alguém e chegou a JFK às 15 horas, para apanhar o voo da TAP das 19. Também eu cheguei cedo à porta 41 do terminal número 4. A tempo de ouvir um piloto da TAP, de barba aparada e muito bem penteado, dizer a um colega: "Não temos nada de suportar a factura israelita".

Depois de o aparelho descolar, creio ter adormecido alguns minutos num qualquer meio de transporte pela primeira vez na vida. Quando depois, fui beber um sumo de laranja à retaguarda do avião, troquei algumas palavras com um médico patologista americano, nascido no México, que vinha com a esposa passar dez dias a Faro. A certa altura, disse-me que um dos filhos, de 19 anos, tinha estado um ano em Moçambique a plantar árvores, inserido num programa de ajuda humanitária para o reflorestamento de zonas em perigo de desertificação. Disse-lhe que devia sentir-se muito orgulhoso por ter um filho assim, que eu gostaria que o meu filho fosse um dia assim, e o rosto iluminou-se-lhe por segundos. Finalmente as bagagens começaram a chegar sobre as lagartixas negras, agarrei na minha, despedi-me do Sr. Oliveira, que tinha um autocarro às dez para a Beira Alta, e entrei, com as

irritantes dificuldades habituais, num táxi. Eram oito e meia da manhã e chovia muito.

Na véspera, fora convidado por X. para um jantar de despedida. Tinha-me dito ao telefone que o menu seria caldo verde e bacalhau no forno. Mal cheguei, avisou-me que haveria caldo verde mas que não tinha conseguido dessalgar a tempo o bacalhau, que teríamos de nos contentar com uma espécie de raviolis. Como se eu, ou alguém naquela ilha ameaçada, desse grande importância ao que ia comer. Na sala, já se encontravam os três outros convidados, todos igualmente de mim desconhecidos. Joe, um artista plástico preto que vive em Harlem; David, um engenheiro electrotécnico e inventor, judeu nascido em Brooklin onde ainda mora; e Nadine, uma jovem senegalesa doutorada em filosofia que fala inglês com dificuldade, e subsiste tomando conta de uma linda criança de nome Lourenço. O caldo verde estava ligeiramente salgado. A espécie de raviolis era recheada com queijo. O vinho era francês. Não provei a sobremesa. Falávamos de coisas sem nos demorarmos em nenhuma. Quando porém David, um tipo de cabelos encaracolados, olhos de míope e nariz achatado, mencionou que tinha passado uma semana a chorar depois do ataque, perguntei-lhe porquê, com a tenacidade de uma cão que não pretende largar a presa. Disse-me que era difícil responder, que várias razões se sobrepunham umas às outras confundindo-se. Mas, se tivesse mesmo de responder, diria que amava o que aquela cidade representava para ele, a diversidade, e que essa diversidade tinha sido atingida, corria um risco de vida a que talvez não conseguisse sobreviver. Mudou-se imediatamente de assunto. David conhecia os nomes de uma série de músicos africanos e ia-os mencionando para conhecer a opinião de Nadine. Nadine reprovava quase todos. Por fim, esclareceu que gostava de música que a

ajudasse a pensar, de Bach por exemplo, que ouvia no órgão do templo presbiterano onde ia todas as tardes ler a Bíblia. Joe, que devia ter pouco mais de cinquenta anos e tinha estado calado até aí, afirmou então, com uma calma e uma segurança que me impressionaram, que a única manifestação artística genuinamente americana era o jazz. "O jazz é a América, a América é o jazz" disse, e acrescentou, olhando-me nos olhos: "Os G.I. que foram combater para a Europa só tinham três qualidades: eram corajosos, sabiam dançar e adoravam jazz". Acenei que sim com a cabeça. Acrescentei que também gostava muito de Pollock e de Kerouack. Joe disse de imediato: "Também eu. Mas Pollock é jazz na pintura e Kerouack jazz na literatura, não é verdade?" foi fácil para mim concordar. "É uma espécie peculiar de liberdade em várias formas, de que o jazz é a original e aqui nasceu" terminou Joe, antes de contar com todo o detalhe como tinha sido preso, transportado e passado uma noite na cadeia simplesmente por ter sido apanhado na rua, parado diante de uma casa de crack. "Nós, os pretos, continuamos a sofrer coisas que os brancos desconhecem e vai ser sempre assim. Em Harlem houve grupos que celebraram a queda das torres." A anfitriã estava demasiado preocupada com que todos estivéssemos bem para entrar nas conversas. Eu cheguei às oito e saí às dez. Estava exausto e tinha uma viagem de regresso no dia seguinte.

Na cama que reconheceu o meu corpo como seu, dormi catorze horas seguidas. Mal acordei tentei falar com várias pessoas, e não consegui. Apercebi-me que a vida continuava sem grandes alterações, com os mesmos problemas, as mesmas dificuldades. Eu tinha chegado de um outro mundo e era agora preciso que o tempo passasse para que lentamente este voltasse a tomar conta de mim. Tinha de descomprimir, o que é sempre um pouco

doloroso. Aqui, não se vive sob a pressão da iminente possibilidade de um ataque biológico ou químico na rede de abastecimento da água ou, no metro, da explosão de uma bomba nuclear "artesanal" do tamanho de uma mala de viagem. Ainda bem. Aqui o tempo é mais vagaroso, a água da chuva escorre pelas paredes, os meus dois gatos mostram-se amuados, eu já cheguei e nunca mais vou chegar.

...

Walt Whitman, um cosmos, de Manhattan o filho,
Turbulento, carnal, sensual, comendo, bebendo e procriando,
Sem sentimentalismos, sem se sobrepor acima dos homens e das
mulheres ou
deles se afastando,
Tão modesto quanto imodesto.

Desmonta as fechaduras das portas!
Dos seus gonzos desmonta as portas!

Quem degradar alguém degrada-me a mim,
E tudo o que é feito ou dito a mim regressa por fim.

Através de mim a inspiração oscila e oscila, através de mim a
corrente e a direcção.
Eu digo a senha original, eu dou o sinal da democracia,
Por Deus! Nada aceitarei que outros o não possam aceitar nos
mesmos termos.

Através de mim imensas longas vozes emudecidas,
Vozes de inúmeras gerações de prisioneiros e escravos,
Vozes de enfermos e desesperados e de gatunos e anões,
Vozes de ciclos de preparação e acréscimo,
E de filamentos que as estrelas religam, e de úteros e do sémen,
E dos direitos daqueles que outros espezinham,
De deformados, triviais, simples, patéticos, desprezados,
Névoa no ar, escaravelhos rolando bolas de estrume.

Através de mim vozes interditas,
Vozes de sexos e lascívias, veladas vozes cujo véu removo,
Vozes indecentes por mim aclaradas e transfiguradas.

Eu não calo a minha boca com meus dedos,
Mantenho tão delicadas as minhas vísceras quanto a minha cabeça e
o meu coração
Tão distinta é para mim a cópula quanto a morte.

Eu creio na carne e nos apetites,

Ver, ouvir, sentir, são milagres, e cada parte e apêndice de mim é um milagre.

Divino sou por dentro e por fora, e torno sagrado tudo o que toco ou por que sou tocado,
O odor destes cabelos é melhor do que uma prece,
Esta cabeça é mais que igrejas, bíblias, e todos os credos.
...

Versão de parte do poema 24 de Song of Myself de Walt Whitman
por Luís Quintais e Pedro Paixão